



REVISTA

DE

Arte e critica

SERIE 1.ª

Fasciculo n.º 8

AVE-AZUL

DIRECTORES:

Beatriz Pinheiro e Carlos de Lemos

VIZEU, 15 DE JUNHO DE 1899

CRONICA



escrevendo estas paginas de ligeiras e despreziosas considerações é sobretudo num artigo de Sully Prudhomme que eu penso, artigo publicado num dos passados numeros da *Revue des Revues* sob o titulo *La femme au XX.º siecle*.

O assumpto é, como se vê, dos mais interessantes da actualidade, e a seu respeito vem cheio o ar que se respira de todas as desencontradas ideas que borboleteam no cerebro de quantos ainda pensam e com estas coisas se preocupam e se inquietam ainda.

Mas não foi a actualidade do assumpto que me levou a escolhel-o para thema d'estas paginas: foi, antes, a notavel impressão que me deixou a reconhecida afinidade do meu espirito, sobre a maneira de visionar esta questão — tão palpitante e tão intensa! — com esse grande espirito de poeta superior e delicado e de philosopho profundo e amavel que, mesmo na aridez da sciencia, sabe espargir a mãos largas o pollen das flores que rutilas lhe desabrocham no coração sempre apaixonado por todas as ideas grandiosas.

Se eu tenho, em conversas, tantas e tantas vezes calorosamente defendido e apostolado essas queridas ideas que mais fundo agora se me inculam no espirito de vel-as partilhadas por um alto espirito, alto e bem equilibrado como é o de Sully Prudhomme!

Ora diz o eminente escriptor francez, encarando o problema pelo lado da poesia e da arte, que, em face dos assombrosos progressos da industria, se fica tristemente impressionado, considerando que essa catadupa de machinas e de inventos engenhosissimos, mas tanto em antagonismo com o Bello, hão de por fim annular de todo no homem o sentimento esthetico, que encontrará seu unico refugio no pequenino mundo dos Artistas. Assim a belleza femenina acabará tambem por perder completamente o seu valor e o homem, preocupado apenas no que é util, no que pode satisfazer-lhe a imperiosa necessidade de bem-estar que as commodidades fornecidas pela industria lhe fizeram sentir, fugirá cada vez mais do casamento, deixando a mulher no abandono e compellindo-a — o que de resto elle lhe aconselha e para o que lhe reconhece toda a competencia — a disputar nos bancos das escolas os diplomas que lhe deem direito a ganhar a vida honesta e laboriosamente.

Não será difficil reconhecer agora, segundo a opinião do do nobre poeta do *Justice* e do *Bonheur* o que venha a ser a mulher do seculo vinte, que irá gradualmente perdendo da sua belleza e do seu encanto e sempre aproximando-se mais do typo masculino, já por este desvio das suas naturaes aptidões, e já tambem por aquella degenerescencia no homem, evidente e parece que irremediavel.

De passagem noto que me não satisfaz de todo a razão que o poeta apresenta da perda do sentimento esthetico no homem: como porem daria margem a artigo largo a explanação dos motivos da minha discordancia, passarei por ella sem me deter, assentando só que o effeito, esse, é que de toda a evidencia para a observação ainda a mais miope.

Com effeito, no campo que me proponho tractar — a

questão da mulher — ninguém deixará de reconhecer, quando mais não fosse, pela estatística que á saciedade o affirma e o confirma, a espantosa progressão dos celibatarios sobre os casados. O homem está fugindo cada vez mais do casamento, do casamento com a mulher pobre, bem entendido, porque, de resto, os rapazes hoje saídos das Escolas e das Academias, na maior parte sem vontade de trabalhar, teem ainda essa bella caça, o dote da mulher, para se installarem commodamente na vida. Mas, como a maior parte das raparigas não são dotadas, segue-se que o numero das que ficam a pentear Santa Catharina vae tambem crescendo numa progressão bem desoladora . . . E assim, de pouco está valendo hoje á mulher o ser formosa ou intelligente, o ser elegante ou honesta: que o homem, apesar de aparentemente se mostrar rendido a esses bellos predicados, deixal-a-ha tristemente a pentear a dita Santa e irá, muito tranquillo e muito satisfeito de si, ligar o seu destino a outra, não importa qual, feia, estúpida, aleijada ou mesmo leviana, uma vez que possua o cubiçado dote. D'aqui porventura a rasão mais forte de tanta deformação phisica, intellectual e moral em grande numero de creanças, victimas da cubiça dos paes que, para se furtarem á lei do trabalho, não hesitaram em preparar a seus filhos uma tão negregada herança.

Ora se o homem está assim fugindo cada vez mais ao encargo que lhe traz a creação d'uma familia, digam-me então o que vae ser d'essas pobres raparigas que exactamente por serem pobres não conseguiram *arpoar* nenhum d'esses senhores? . . .

O seu recurso será o beneficio dos parentes ou um trabalho ingrato que lhes dará, quando muito, para morrerem de fome, a menos que não estendam a mão á caridade publica, ou se vendam talvez a esses mesmos que, tendo-se vendido por sua vez, já arranjaram oiro sufficiente para as comprar.

Uma miseria! Porque é, realmente, este ultimo tristissimo recurso o de que lança mão uma grande parte, sem for-

ças para supportar as privações de toda a especie que se lhe deparam na prespectiva d'um trabalho que, em geral, nem mesmo da fome as pode garantir.

Seria preciso a dignidade de si propria num grau muito subido, uma grande resignação, uma alta elevação moral, o heroismo, numa palavra, para que uma pobre rapariga nestas circumstancias, rasoavelmente formosa, resista a todas as sollicitações e se conserve honesta e pura a despeito de toda a casta de privações soffridas e a soffrer.

Ora é contra esta miseria, este aviltamento, esta exploração da mulher pelo homem, que eu me revolto com todas as forças da minha alma e lhes digo, a essas pobres victimas do egoismo do homem, não já em forma de conselho como Sully Prudhomme, mas numa ancia de protesto afinal justificadissimo, que reivindiquem os seus direitos, que façam por conquistar a egualdade civil e politica, que sejam nos bancos das Escolas as dignas rivaes dos mais intelligentes e dos mais estudiosos, e se façam, enfim, medicos, advogados, engenheiros, empregados publicos, tudo, — em vez de objectos de luxo ou de instrumentos de prazer, seres conscientes e instrumentos de trabalho—numa concorrência leal mas decidida com elle, com o homem, com o *inimigo*, para a conquista do pão de cada dia.

Objectar-me-hão; e na apparencia com todo o fundamento, que ha já medicos e advogados e engenheiros e empregados publicos que farte; que o proletariado intellectual está sendo o cancro que rõe todos os paizes da Europa; que a admissão da mulher a todos os cargos publicos seria o desmoronamento de *fond en comble* da sociedade tal qual hoje está constituida: isto, e mil e uma outras coisas, sem esquecer a ridicula e feia historia do homem a fiar na roca, a coser á machina e a pregar botões, enquanto a mulher se demora lá por fóra a jogar no club ou a tocar guitarra pelas ruas...

Como se esta revolta da mulher, esta sua ancia suprema de' reabilitação, este seu grande grito de protesto, que en-

contra ainda echo em tanto coração de homem generoso e compadecido, não fosse o mesmo que fez outrora em Roma levantar os servos contra os senhores e ainda ha pouco em França, para citar factos mais nos limites da nossa memoria, atirou para longe com as cadeias que desde longo tempo manietavam a Europa toda, cadeias forjadas pelos reis, por um clero egoista e por uma nobreza prepotente e sem escrupulos.

Ha medicos e advogados e empregados publicos demais?
D'accordo.

Mas com que direito faz o homem monopolio de todos esses cargos e condemna a mulher á miseria ou á vergonha, não a chamando a partilhar como sua esposa do pão e dos confortos assim adquiridos?...

Com que direito a exclue elle iniquamente da ampla mesa do trabalho que a preservaria da miseria e do aviltamento?...

— Por essa imaginaria inaptidão da mulher que não se cançam de apregoar aos quatro ventos?!...

Mas, pelo amor de Deus! então a mulher não está, aqui e lá fóra, luctando vantajosamente nos bancos das Escolas com os mais intelligentes e com os que mais trabalham, e nos cargos que, a medo ainda, uma ou outra vez lhe confiam, não tem ella provado de sobejo uma inteira competencia, agora mesmo que pesa sobre ella a velha educação rotineira e o atavismo de tantos e tantos seculos de ignorancia e de superstição?

Caso fóra para as animar, que não para as escarnecer, se fraqueassem: não lhes zumbe sempre no ouvido, a tolher-lhes o passo e a acção, o côro dos zangãos a escarnecerem das suas tentativas, a pretenderem provar de mil modos e maneiras, qual mais absurda, vá de passagem, a pretendida estreiteza do seu cerebro, incapaz de grandes empreendimentos ou sequer d'um trabalho aturado e serio?

Hão de em boa verdade confessar que isto não é lá muito animador, e que é preciso á mulher mais energia e mais valor do que ao homem para triumphar...

Quanto á transformação e inversão da sociedade actual...

resta-me saber se depois ficaríamos peor ou melhor do que estamos agora. Que longe de mim a idea de fazer a apologia do estado de coisas que então seria. Não. O meu fim é diverso: o que eu quero, o que eu desejo é que a mulher progrida, que progrida sempre, que por todos os meios justos ao seu alcance faça por se tornar a igual do homem, para, d'uma vez para sempre, acabar esta pretendida superioridade do *macho* e ella deixar emfim de ser a misera escrava emparedada e manietada, o ser secundario, infimo, que ora está sendo.

—Mas não pode ser: é deslocar a mulher; é tiral-a do papel para que a natureza a destinou, sugeitando-a á maternidade; é um dislate; é um absurdo: é...

Muito bem: d'acordo ainda.

Sully Prudhomme diz que á vista dos assombrosos progressos da Industria é muito natural que para esse tempo já se tenha resolvido o problema da geração artificial e, d'esse modo, possa a mulher ser dispensada do pesado e doloroso encargo da maternidade... Sully Prudhomme diz isto...

Eu digo simplesmente em resposta ás objecções acima formuladas:—E' bem? é mal? Depois se verá. E, se fôr mal, d'esse excesso de mal resultará então o bem que é para desejar. (E aqui me desvio ainda de Sully Prudhomme, pessimista até ao fim, vislumbrando ao clarão do meu intransigente optimismo um futuro melhor do que este tristissimo presente...) O homem, comprehendendo que já não pode desherdar a mulher e obrigar-a optar entre a miseria ou a vergonha, reformar-se-ha, educar-se-ha melhor: porque, convençamo-nos d'isto, não é só a educação da mulher que carece de reforma, mas a do homem tambem, sem o que, toda a tentativa de regeneração d'elle, do homem, por ella, pela mulher, pouco fructo dará, que a salutar influencia d'esta vae fatalmente decrescendo á medida que a corrupção e o egoismo se vão alastrando pela sociedade.

Então, educado o homem d'outra maneira, talvez que todos elles já não fujam a escolher esposa e a escolham d'entre

as mais dignas, acabado d'uma vez para sempre o malfadado engodo do dote.

Como ?

Depois se verá.

Mas deixarão os paes de considerar como uma calamidade a natural inclinação de seus filhos por uma menina que não seja dotada, muito embora gentil e virtuosa e digna. E então, finalmente, a mulher, elevada á altura a que tem direito de estar, tornada, *mas na realidade*, a igual do homem pela comprehensão nitida do seu dever, ficará no papel que a natureza lhe marca, mas ficará porque quer, porque comprehende que é assim melhor, e não, como agora fica, pela necessidade de viver, pelo risco de morrer de fome ou de vergonha.

Mas, até lá, avante sempre: lucte sempre a mulher, sem descanso, sem a tregua d'um segundo. E depois, se o homem se não transformar, se o homem se não regenerar, continue muito embora no seu papel de revoltada que, por mau que seja, sempre é bem melhor do que o tristissimo papel de ser aviltado e escravizado que neste drama da vida se vê presentemente forçada a desempenhar.

BEATRIZ PINHEIRO.



SALLA DE VISITAS

De AFFONSO LOPES-VIEIRA:

A DAMA PÉ DE CABRA

«E muy beu feita em todo o seu
«corpo, salvando que havia pé for-
«cado, como de cabra. . .»

Conde Dom Pedro.

I

Andava caçando, um dia, um senhor
Fidalgo de Hespanha, grande monteador;
Não me lembra o nome do bom cavalleiro,
Sei que era leal, sei que era fragueiro.
P'los montes corria javalis e veados,
Seu coração era livre de cuidados.
E solteiro era, contente vivia . . .
Mas o cavalleiro veio a amar, um dia.

II

Era de uma vez, em meio da caça,
Numa tarde linda, por sua desgraça
Quando armado 'stava 'sp'rando o javali,
Dôce voz ouviu pertinho d'ali . . .
Para lá correu, quando lá chegou
Uma linda Dama cantando encontrou.
Tam fermosa era que o bom cavalleiro
Seu amor lhe deu, seu amor primeiro.
Tam fermosa era que o indoideceu,
Coração leal logo ali lh'o deu.
Diz o cavalleiro: — Vem commigo, tenho

Um rico castello, um grande rebanho.
 Vem commigo, vem; muita legoa em roda
 Esta terra é minha, pertence-me toda.
 Vem commigo, vem! casarei contigo... —
 Diz então a Dama : — Casarás commigo,
 Casarás commigo e'uma condição :
 Que nunca mais rezes, nem serás christão !
 Diz o cavalleiro : — Tudo assim farei :
 Nem me santifico, nem mais rezarei ! —
 Ferosa era a Dama, partiram depois,
 Pela mesma lua casaram-se os dois...

III

Mas aquella Dama (não n'ò disse ainda)
 Tinha pés de cabra, no mais era linda.
 Correram os dias, os mezes andaram,
 Mudaram as luas, os annos passáram...
 O bom cavalleiro contente vivia,
 Já tinha uma filha, nella se revia.
 Eis que em certo dia, voltando da caça,
 Numa tarde linda, por sua desgraça
 Se esqueceu e disse para quem n'ò ouvia :
 — Parece milagre da Virgem Maria ! —
Dama pé de cabra, quando tal ouviu,
 Pegando na filha do paço fugiu...
 Para os montes foi, d'ali abalou,
 Ninguém mais a viu, nunca mais tornou.

IV

Pobres namorados, vêde a ingenua historia
 E que ella vos fique sempre na memoria.
 Não mais vos esqueça, conta-e-a tambem,
 Olhae quem amaes, e reparae bem !
 Pois logo vereis quando o olhar se abra :
 Vossas Damas todas teem pés de cabra...

De EUGENIO DE CASTRO :

ODES DE HORACIO



A Leuconoe

(11, Lib. I)

Leuconoe, andas mal se o escuro fim defrontas
 Que os Deuses nos darão ; babilonicas contas
 Não faças. O melhor é desprezar a sorte !
 Quer nos dê Jove mais invernos, quer a morte
 Nos dê n'este, que esfalfa, entre escolhos maninhos,
 O mar tyrrheno, — tem juizo, philtra os vinhos,
 Coarcta o sonho : ao falar, ciosa, a vida foge . . .
 Que importa o dia de amanhã ? Gosemos hoje.

A Lydia

(13, Lib. I)

Quando gabas, ó Lydia, o pescoço rosado
 De Telepho, e tambem os seus braços de cêra,
 N'esses instantes, ai ! a bilis, que exaspera,
 Quasi faz estoirar meu figado abrazado.

Desmaio, perco o tento,
 E pl'as faces sem côr, furtivo, deslisando,
 Das lagrimas o curso indica o fogo lento
 Que me vae cá por dentro o coração minando.
 Sinto-me em brazas, Lydia, ao fitar, na brancura
 Dos teus hombros, signaes d'uma avinhada orgia,
 Ou se, á flor d'essa bocca, o meu olhar espia
 Do moço desvairado a funda mordedura.

Acredita-me, Lydia, ha-de ser fugidio
 O amor de quem tortura essa bocca formosa,
 Esses labios gentis que a Mãe do Amor ungiu
 Do nectar, que ella tem, co'a parte mais preciosa.
 Tres vezes, e ainda mais! felizes os amantes
 Que um forte laço nunca deixa de apertar
 E cujo amor, alheio ás questões irritantes,
 Só poderá morrer quando a morte os levar.

A Cloé

(26 Lib. I)

Evitas-me, Chloé, qual veado mimoso,
 Que procurando vae, em cerradas boscagens,
 A inquieta mãe, candidamente reccioso
 Das auras e folhagens:

Tremem-lhe o coração e as pernas, quando fita
 As folhas, que de abril a viração esgarça,
 Ou se acaso um lagarto, ao prepassar, agita,
 Todo verde, uma sarça.

Leão getulio não sou, nem tigre que caminha
 Furioso, atraz de ti, para te devorar:
 Deixa emfim tua mãe: és uma mulhersinha,
 Precisas de casar.

A Albio Tibullo

(33, Lib. I)

Albio! ao lembrar-te de Glycera, essa traidora,
 Não chores tanto, nem recites com tristura
 Versos cheios de dor, só porque um moço agora,
 Mais novo do que tu, entontece a perjura.

Por Cyro, arde de amor Lycoris, que tem fino,
Lindo rosto; Pholoe manda que a desamparem
De Cyro os olhos... e amará o adúlterino
Quando aos lobos da Appulia as cabras se ajuntarem.

Ordens de Venus são! Para se distrair,
Compraz-se Venus n'estes jogos odiáveis,
E a uma canga de bronze é-lhe doce jungir
Corpos e almas que são irreconciliáveis.

Dama linda engeitei eu proprio, ao supportar
Da liberta Myrtale os grilhões (pêso brando!),
Myrtale tão hostil como o Adriatico mar
Que da Calabria vae os golfos escavando.



De MARIO SERRA (*Soares Cardoso*):

TERCETOS D'AMOR

I

E' bem certo que o bem tem pouca dura:
Se tenho de ti cheio o pensamento,
O peito, trago-o cheio d'amargura...

Já tardava a duresa d'um tormento
A quem a tristes maguas anda affeito,
A quem tão bem conhece o soffrimento!

Eu devia lembrar-me que em meu peito,
Nunca um prazer viveu, uma alegria,
Bastante, p'ra deixar-me satisfeito...

Tão longa é esta vida, que podia
Ser tão serena e doce, tão contente,
Se não fosse, como é, uma agonia!

Trago commigo só, constantemente,
Esta dôr que me fere e me tortura,
E que triste me faz, me faz dôente!

Só pôde comprehender a desventura
Da pobre da minh'alma malfadada,
O espirito celeste que a amargura...

Por isso não a digo: anda guardada
No fundo do meu peito; só commigo
D'esta dôr desabafo, amargurada:

Commigo só, Amor, ou só commigo!

Lisboa, — 10—V—1899.

De EDUARDO... DAS QUINTANS: (1)

Como se fez um padre

(Ao Ex.^{mo} Sr. A. E. da Costa Lobo)

*Recorda-se V. Ex.^a de me ter contado esta historia ?
A mim não esqueceu el'a mais, ou eu a não tireisse
recebido, encolta em ondas d: Sol — o do seu espirito —
no coração, naquelle momento poderosamente illuminado
tambem por esse outro astro de luz fugatissima que, de
ha muito, vem desfazendo todas as sombras, e entremos-
tra radiosas verdades, do caminho do meu futuro. .*

*E para que V. Ex.^a possa conhecer bem o lugar es-
pecialissimo que occupa na minha memoria tudo o que lhe
ouço, atrevo-me a este despretencioso relato que, se não
vãe ennoadoar as paginas d'esta Revista a tão apri-
moradas penas affeta—é por vir a encimal-o o nome
de V. Ex.^a, e o animar o supremo desejo de ser a plena
affirmação de todo o meu respeito, muito agradecido e
muito amigo, por V. Ex.^a.*

...O melhor *malhador* da terra, o Manoel da Eira E
então que os havia lá bons, *tirados das canellas*, n'essa pe-
quena aldeia perdida a meio d'uma planicie risonha, dissimi-
nada por *quelhas* tortuosas a casaria, toda em granito tosco
e mal aparelhado, que só um milagre de equilibrio, desco-
nhecido da moderna architectura, mantinha formando pare-

1) Vá lá: por hoje, abrimos uma excepção, não re-relando a individua-
lidade que, sob o pseudonymo d: *Eduardo das Quintans*, se furta, modes-
tamente, aos justos honores que estas paginas vão grangear-lhe de
quantos as lerem. Despretenciosa e desartificiosa, como bonita aldeá que só
das graças naturaes tudo espera — e tudo alcança — a historia *Como se fez
um padre*, a ser, como nos parece poder affirmar, uma estreia, muito deixa
esperar de quem, logo aos primeiros vãos, tão alto marea o seu posto.

G. de L.

des d'uma cõr escurentada, mercê do tempo e dos lichens, — suja, aqui e alem, esta tonalidade de cores pelas nodos brancas d'alguma casa caiada, que os *ricos* da terra moderadamente vinham construindo.

Era por 1850 : os animos mal acalmados ainda da agitação em que os lançára a *Maria da Fonte* e quando a tal *justiça immanente da historia*, de que nos falla Gambetta, se não tinhã feito sentir tão duramente sobre nós, como hoje, no cortejo apparatuso de desgraças e desalentos em que todo o paiz toma parte.

Na aldeia transmontana de gemma, encaixilhada, como um quadro de Silva Porto, em uma severa moldura de seras de declive suave; até meio cobertas de pinheiraes; escalvadas d'ahi ao cimo; lobrigando-se em uma d'ellas ao norte, solitaria e branca, a capella de Nossa Senhora d'Azinheira, muito anterior á Restauração de Portugal, de valiosas pinturas no tecto merecedor de encomiasticas referencias a estrangeiros illustres que a tem visitado—na aldeia, repito, mal se ouviram os roncõs da tempestade politica que uivara, paiz em fóra, confundidos, como chegavam, com o ramalhar da brisa por entre as arvores da planicie em que assentava.

Corria apressada n'esse anno a faina das malhadas—não fosse o tempo mudar! . . . — e o Manoel da Eira, se pudesse multiplicar-se, como os pães do milagre biblico, não conseguiria, assim mesmo, attender a todos os que o procuravam, consciõs de que eram mãos 'bemditas as suas, tocando as espigas, onde não ficava grão !

Que bello, uma malhada na aldeia ! . . .

De manhã logo — o Sol a romper por entre nuvens, rubro como as faces d'uma creança e menos loiro que o trigo, symmetricamente disposto em pilhas, espigas ao alto, como um sarilho de espingardas de regimento em bivaque—começam os homens a desatar os *molhos* e a estendel-o na eira, espigas com espigas, muito fôfos; sereno lago de oiro — oiro da terra — d'onde depois o oiro do ceu — o Sol — já alto, tira effeitos *feericos* de reverberações luminosas ! . . .

A seguir, os *malhadores*, ao pares, uns em frente dos outros, como se fossem empenhar-se em algum d'aquelles terribes combates singulares que ensanguentam as paginas da historia medieva, alçam as *manguieiras* (como aqui chamam aos *mangoaes*) para logo as deixarem cahir com um bater surdo, compassado e certo, como o pendulo d'um relógio, sobre as espigas, gementes d'aquelle brutal esmagamento, que lhes arranca lagrimas muito duras — os grãos — que vão sumir-se, uns, por entre a palha, outros indo morrer extenuados de encontro ao *liteiro*. (1)

O trigo malhado e affastada a palha com os engaços, dá-se começo á *erguida*. As raparigas, deitando em *crivos* todos os despojos da chacina e erguendo-os acima da cabeça, o que lhes faz avultar os seios rijos e frementes, sob os albornozes de chita, deixam, de seguida, cair em ondas, como agua d'uma cascata, o grão, que se lhes amontôa aos pés, limpo de todas as impurezas, arrastadas pelo vento durante a queda.

E condimentando todos os trabalhos, amenizando-os, as suas vozes frescas e bem timbradas, cantando a ultima moda dolente e arrastada. . .

«Dizem que sou trigueirinha :
«Ha-de ser do pó da eira ;
«Heis-de me ver ao domingo,
«Como a rosa na roseira.»

Cortados os versos pelo estribilho bizarro : — «*E então . . . que é do meu amor ? . . . e então . . .*» — que põe brilhos estranhos nos olhos dos malhadores e accorda na alma dos velhos echos mal adormecidos d'um passado distante. . .

E digam-me se não é beilo, uma malhada na aldeia ?

.....
Pois o Manoel da Eira, talvez por a sua vida bastante

1) Especie de lençol preso a um pau que duas mulheres seguram, acompanhando os malhadores, para evitar que o trigo salte fóra das eiras.

romanesca, com seus resaibos de tragedia:— a mãe morta de bexigas, quando elle tinha apenas cinco annos, seguida, a pequeno intervallo, por o pae, deixando-lhe ambos, como herança unica, a illuminar-lhe as trevas do seu futuro, um raio de luz feito carne, no corpo esvelto e lindo d'uma irmã, a Maria, mais nova que elle dois annos— conseguia sempre novos encantos d'este certamen de trabalho, tantas vezes repetido, e sobretudo no peito das raparigas, onde o bater surdo — *pan!* . . — da sua *manguira* despertava doidos sonhos, ateava elle incendios tão vorazes, que só a agua lustral da igreja conseguiria por fim apagar. . .

Mas não era só endoidar raparigas: e mais uma vez o Accaso — que já deu á Phisica as leis de Newton e á Astro-nomia o conhecimento de que a Terra gira em volta do Sol— veio, na pessoa d'um novo abbade, rapaz sahido de ha pouco do Seminario, e que fôra collado em substituição do velhinho que morrera, alterar toda a vida do Manoel da Eira, e a mim fornecer-me assumpto para esta veridica historia.

Como succede até com coisas de menor importancia, a vinda do abbade quebrou, por um pouco, a monotonia do pacato viver da aldeia, trazendo novo *pasto* a todas as *linguas*, afeitas apenas a auxiliarem os dentes a esmoer a *boroa*; umas, a si proprias, a fallarem das outras; e todas a ajudarem os corações ingenuos e crentes, a resarem a Nossa-Senhora, á hora poetica das *Trindades*, as tres *Avé-Marias*.

Um fremito de curiosidade arripiou os dorsos dos pacifcos aldeões, e, á tardinha, ao despegar do trabalho, quando homens e mulheres, em ranchadas, povoavam os caminhos dos campos, recolhendo a suas casas, não se fallava d'outra coisa: discutiam-lhe os actos, esmerilhavam-lhe as qualidades, n'uma ancia doida de saberem se seria melhor que o outro — o santo velho que Deus levára.

Corria acalorada a palestra no grupo do Manoel e da irmã, onde vinha tambem o Antonio da Esquina, *malhador* como elle, e como elle só pensando em raparigas, andando até

os dois picados por causa d'uma loirinha que ambos *catrapiscavam*, com manifesta vantagem para o Manoel.

A' irmã d'este, ingenua e meiga, tambem a chegada do abbade lhe não fôra indifferente; e, vendo-o tão novo — batina preta, tão preta como os seus cabellos! — ella, que nunca estremecera vendo homens, teve visões encantadoras; sonhou ter um padre em casa, e nas vaporisações da sua phantasia alvoroçada, appeteceu para o irmão uma batina como a d'elle!... Com estas cogitações vinha no grupo; e assim é que, respondendo uma das vezes alto ao seu intimo pensamento, disse para o irmão, simples e terna, como um gorgeio:

—E se tu fosses padre, Manoel?

Ao que elle, acariciando-a, respondeu com uma gargalhada franca, muito franca, retorquindo do lado o Antonio da Esquina, um tudo nada de ironia na voz (lembrando-se da loirinha):

—Quando tu fôres padre, Manoel, hei-de eu ornear de burro!...

Grande risota; commentarios receiosos de algum mais simplorio:

—Olha que o diabo disparou uma tranca...

—Tinha graça! gargalhavam outros: tu a ornear de burro...

E a conversa, um instante interrompida, lá foi de novo seguindo, misturadas agora as virtudes do sr. Prior com os estragos que vinha fazendo o *gôgo* nas gallinhas da Ti' Antonia... Chegaram á aldeia; e, quando, diminuido o rancho pelas successivas deserções dos que ficavam em suas casas, se encontraram sós, junto á sua, o Manoel e a Maria, um vinco de despeito crispava a fronte d'aquelle, e o olhar d'esta era empanado por uma tenue neblina, que tanto podia ser o veu d'oiro da sua imaginação a fazer realçar, como o de uma noiva, o corpo lindo e inconsutil das suas intimas aspirações, ou o farrapo de nuvem, nuncia da tempestade de desgosto, que na sua alma fizera rebentar o dicto sardonico do Antonio...

E, já em casa, o Manoel não teve mais mão, que não dissesse para a irmã:

—E se eu fosse padre, sempre queria ver o que acontecia ao da Esquina?!...

E ella logo:— Que sim; que fosse!— com um ar de fundo desejo; não que no seu espirito começasse a germinar qualquer ideia de vingança; mas por lhe acudirem, em tropel, as doidas visões de ha pouco:— a batina preta do padre, vestindo o corpo reforçado do irmão...

E logo elle, para a irmã, em seguimento das suas ideias, n'um dar de hombros significativo de ingenua credulidade:

—Que, eu sei lá! tem-se visto coisas... Tu não te lembras, nem eu, que eramos pequenos, mas tenho ouvido fallar do Julio Eterno! Toparam com elle, uma noite, as bruxas e fizeram-no *lobis-homem*. De dia parecia como a outra gente, mas ao dar da meia noite, quando o gallo do senhor Prior, rompia n'um kó-kó-ró-kó repinicado, com um bater d'azas secco, como de desafio aos outros gallos, elle ahi estava transformado em burro muito preto, que largava em correria perdida por esses campos, até que alguém destemido o picasse, para perder o encanto, ou o Sol, que vem dos ceus, lhe trouxesse, de manhã, a figura que Deus lhe dera...

E os dois ahi ficaram um horror d'horas a contar historias de bruxedos e feitiçarias, que punham trezuras de medo na musculatura rija do *malhador* e faziam esmaecer as faces da irmã, que os seus longos cabellos pretos, estendidos, no desalinho caseiro, emmolduravam, lembrando duas brasas muito vivas, producto da combustão d'aquelles carvões ondeados, auxiliada pelo sangue moço e febril que lhe corria nas veias.

O somno por ultimo, fazendo-os turrar, poz termo á conversa, mandando-os para a cama:— elle, entrevendo o Antonio da Esquina feito burro, de grandes orelhas, quebrando o silencio dos campos com um zurrar arrastado, que arrancaria languidos suspiros do peito apaixonado de alguma jumenta;— ella, acarinhando a esperanza de ter o irmão padre; vendo-o

de casula a destacar sobre a brancura immaculada da alva, que lhe havia de ter sempre muito lavada, a resar missa na Azinheira, onde agora a ouviam todos os domingos. . .

Uma noite dormida sobre o caso e tinha-se resolvido; iria ordenar-se. Sustento, ganhal-o-hia, trabalhando.

Em Villa-Pouca, um Padre Mestre, enfronhado no latim até á medulla, não deixaria de lhe passar, a troco de alguns serviços domesticos, a sua bagagem de ablativos, com que mais tarde se transportaria a Lisboa, a completar os seus estudos, auxiliado por um tio que lá tinha, irmão da mãe, a quem serviria de creado, exigindo apenas alimentação e algumas horas livres para as aulas.

Todas estas reflexões communicou elle á irmã, que as approvou, chorando muito de saudade por ter de se separar de quem, por assim dizer, a creara, ameigando-a como uma mãe e amparando-a como um pae; —mas lagrimas eram essas que semelhavam um d'aquelles subitos chuviscos d'um dia formoso de julho; irisadas, como vinham, pelo sol lucilante do seu coração em festa: — se ella ia ver poisar na realidade a pombita branca dos seus intimos anceios! . . .

No dia seguinte, com uma pressa excitante de dar começo á sua vingança, enfardela o modesto enxoval, despede-se e cil-o ahi vae de longada. . .

Dois annos se demorou em Villa-Pouca: ao cabo, julgando-se sufficientemente forte em Horacio e Virgilio, escrevia para Lisboa ao tio, participando-lhe a resolução tomada e o que esperava d'elle, obtendo uma resposta que, sem ser em tudo conforme ao seu pedido, lhe permittia, ao menos, realisar os seus designios. Punha-lhe á disposição uma casa devoluta que tinha em Alfama, com a faculdade de alugar os quartos restantes para custear as suas despesas.

Foi um novo ceu que se abriu para o Manoel, que, alegre de ver a sua vingança a realisar-se, com um *pinto* na algibeira, se metteu, a pé, caminho de Lisboa.

Que viagem! Não cabe nas estreitezas d'este conto o seu

minudencioso relato: elle só daria panno para uma novel-
la...

Basta que, quando chegou a Villa Nova de Gaia, levava na algibeira apenas doze vintens do *pinto* com que partira, e, um dia depois, ao entrar em Aveiro, nada mais lhe restava do que na cabeça o latim do Padre Mestre e a ideia fixa de castigar o Antonio e no estomago os primeiros ameaços de fome que em dias de sua vida sentia. Oh! a fome... que fez de João Valjean um criminoso, como ia fazer d'elle, quando menos, um desgraçado a quem fraquejavam as pernas, resistentes antes, na sua aldeia, aos soes de agosto e aos frios de janeiro!

Em uma das ruas da cidade, deparou-se-lhe uma taberna, das tradicionaes tabernas portuguezas, que tendem a desaparecer, com uma janella ao rez-do-chão, parallelá á porta de entrada, uma grade de arame a protegel-a e no peitoril, á guiza de montra, uns pães empilhados, de mistura com alguidares de sal e gigos de ovos e fructas. A aquilatar por os olhares espeterrados que lhes deitava, pareceram-lhe naquelle momento os pães deliciosos manjares de festim luculiano ..

E começou então a lucta:— tinha fome e não tinha dinheiro para comprar um dos pães que ali estavam a assanhar-lh'a. Perdera-se numa encruzilhada de onde só partiam dois caminhos: o da caridade e o do crime. A um clareava-lh'o a luz celestial da esmola, que todavia lhe offuscava dolorosamente o olhar, de habituado, até então, á luz serena e doce do lar sempre farto; o outro então antolhava-se-lhe de tal maneira sombrio e inhospito, que lhe rasgaria os pés nos pedregaes do crime. E a lucta continuava... Duas forças, poderosas ambas, empuchavam-o, cada qual para seu lado:— o cerebro, que é a honra, o espirito, para que mendigasse um pão; o estomago, que é a sensação, a carne, para que o furtasse. E, não obstante, o braço conservava-se-lhe quedo! E' que lh'o anquilosavam as preciosas estratificações de todo um passado honesto, tornando-lh'o tão pesado, que só a alavanca do trabalho ou a aza do amor conseguiam levantal-o, para malhar

o trigo, aquella, esta para abraçar as cachopas. — E a lucta cada vez mais accesa, cada vez mais terrivel!...

Uma tempestade naquelle craneo: uma fornalha naquelle peito: e, como os uivos do vento, ou como as nuvens de fumo, assim uns monosyllabos, soltos, desconnexos, lhe repontavam dos labios em febre. Interpellou-o a locandeira:

—Voce mecê quer alguma coisa, homemsinho?

Foi a barrica de azeite nas vagas do oceano revoltó... Entrou resolutó na taberna, e, de afogadilho, como quem bebe um remedio nauseabundo, contou Manoel a sua historia. Se foi acreditado não sabemos: a verdade é que teve ao menos artes de abrir todos os emunctorios do sentimentalismo á boa da mulhersinha; e ahi vae ella, num raptó de generosidade que bem merece registo, pôr-lhe jantar, que elle saboreou e diglutiu com a soffreguidão instinctiva do animal que a fome aperta.

Não ficou só por aqui o milagre. Uns almocreves, d'esses que habitualmente faziam o serviço de recovagem entre o Porto e Lisboa, com grandes recuas de machos, de campainhada gritante, como acertasse de pousarem na taberna, para arraçoar as bestas, interessaram-se no caso e vá d'offerecer-lhe para o resto da jornada companhia, que foi acceita logo com grande jubilo.

Chegou finalmente a Lisboa o Manoel da Eira; no espirito, creando basto raizame a provida sementeira de abnegação e sacrificio, por tão longo e accidentado caminho feita, e que tão bem devia quadrar a um futuro ministro de Christo — o divino Martyr! — no corpo, uma quebreira e fadiga taes como nunca sentira antes, na aldeia, costas ao Sol ardente d'agosto; braços retezados sob o impulso da *mangueira* cahindo sobre os trigos, enquanto a chilrada alegre dos pardaes se casa, em harmonias estranhas, com o chiar monotono dos carros... ao longe... no caminho das herdades!...

E' que tinha talvez a secreta intuição de que, sob a sotaina negra do *Padre Manoel* que ia ser, não lhe pulsaria, tão

sem cuidados e ingenuo, o coração, como sob a *vestia* de cotim de *Manoel, o Malhador!*

Recebera-o prazenteiro o Tio, como pessoa bondosa que era e jamais esquecido da irmã, que Deus tinha, dizia, enquanto a filharada, um regimento, inquiria, com olhares espantadiços, de quem esperava outra coisa, lançados de esconso, do Manoel para o Pae, se aquelle era o primo estudante:— O que ia ser padre?!...

— Que sim; que era; que era o primo Padre... — dizia o bom do velhote sorrindo bonancheirão.

Horas doces passou o Manoel no convívio dos seus; refez as forças com um bom jantar, em que por obsequio do Tio tomaram também parte os almocreves; e horas depois, ainda de companhia com os almocreves, que para lá iam pernoitar, seguiu o Manoel para a Alfama, á busca da sua casa.

Ora, ao tempo que com ella defrontavam, um burro, que, mercê da sorte, se quedava na rua, meditabundo e grave — com aquella seriedade proverbial, que deu a Camillo ensanchas para o classificar de o mais serio de todos os animaes — despeitorou, ao ver os machos, um orneado plangente e suave, numa escala chromatica, de notas pittorescas e repinçadas, saudação amiga a parentes tão chegados, ou talvez pedante altaneria de quem se lhes sentia superior em predicados lyricos...

Ao Manoel, ouvindo-o soergueu-se-lhe o peito num repelão de saudade, profunda e astheniante, de tudo o que deixára na terra: — da irmã, as faces desbotadas, quem sabe? — como naquelle dia em que o Antonio lançára o seu cartel de desafio; das malhadas, em que as raparigas quebravam a quietude do ar, com as suas vozes frescas e esfusiantes, as ancas roliças em saliente destaque, sob as saittas pobres de riscado, accordando-lhes, aos malhadores, na carne nova, rubros desejos de posse, fruto para elle prohibido agora no apego crescente que sentia para as coisas de Deus!...

Mas remordia-o ao mesmo tempo, a praga do Antonio: e na ancia febril de vel-a realisada, soou-lhe o ornear do bur-

ro, como um clarim de guerra, incitando á lucta, em horas de batalha; e, num solemne arranco de resolução inabalavel:

—Hum!... Deixa estar...

E, despedindo-se dos companheiros, entrou decidido para dentro de casa.

.....
Tres annos sobre o que vimos de contar, e eis-o padre!

Fizera da cabeça uma *tulha* nesses tres annos: dizia elle ao tio pittorescamente.

E assim fôra: ao lado do latim do Breviario lá armazenava os dogmas profundos da Theologia de encambolhada com as transcendentis regras da Hermeneutica: isto tudo misturado com as reminiscencias queridas da irmã e do lar.

Mas que de trabalhos experimentados: que de privações curtidas: e que de bocejos e que de arrependimentos tambem, no silencio do seu quarto gelado e negro, ao contemplar, cheio de desgosto e de raiva, os musculos enfraquecidos dos seus braços sem exercicio!

Pobre Manoel! Coitado do *Malhador!*

O que a sua vida fosse melhor ò dizem os miseros seis vintens diarios que do aluguer dos quartos lhe provinham...

Podia com elles, quando muito, ir á porta dos *Irmãos Unidos* (avô ou pae do actual *Francfort*) estender como os mendigos, a escudella, recebendo-a, mediante um vintem, cheia das sobras dos outros, dos que eram ricos.

Isto regado com um copo de vinho; um pão de manhã; e á noite, á moda da sua terra, um caldo; tal o passadio d'este homem tenaz, durante os tres annos de Lisboa, onde, em busca do symbolo augusto da Cruz se chegou a esquecer da que arrastava, e bem pesada, sobre os hombros!

E se do fundo da sua alma fugira já, a golpes de são criterio, adquirido com o estudo, a credulidade primeira de ver o Antonio em torna-viagem, para o ancestral estadiõ burricial da escola zoologica, talvez lhe sorrisse ainda assim a esperanza de o deixar sob a ameaça d'um mal, que por suas mãos preparára.

Com intimo jubilo, pois, escreveu á irmã, dicta que foi a primeira missa, já em ablativos de viagem:

«Minha querida irmã,—princiava—, diz ao Antonio que já pode ornear de burro, pois venho de resar a primeira missa: sou Padre! E é nesta hora, em que sinto ainda, dentro em mim, o sancto influxo da hostia consagrada, que eu te abenço, minhã irmã, e peço a Deus que traga para a nossa terra tantas graças e beneficios; quantas as saudades soffridas no silencio do meu quarto, quantas as esperanças, que ora acalento, de poder ser util a ti e a todos os d'ahi, a quem tanto estimo.

Recebe pois, irmã, com a benção do Padre, o beijo affectuoso e amigo do irmão que espera abraçar-te em breve».

As primeiras linhas da carta escrevera-as o Malhador; todas as mais o presbytero. . .

Foi uma alegria enorme para a pobre Maria, aquella noticia, que, assim de chofre, a arrancava á perpetuidade da saudade,—se já lá iam cinco annos!—para a mergulhar em plena realidade feliz, um tudo nada mesclada de sonho:—a capellinha branca da Azinheira alvejando ao cimo do monte;—o paare celebrando missa cheio de uncção, a abençoar o povo ajoelhado;—a brancura immaculada da alva, que ella lhe teria muito lavada, muito pura . . . tão pura como a sua alma de virgem! . . .

Em toda a aldeia grande reboliço tambem, todos procurando noticias do Manoel, com uma grande curiosidade bisbilhoteira, aguçada ainda pelo conhecimento que tinham da praga do Antonio, praga que assim como fizera d'um *malhador* um padre, assim do da Esquina, para muitos era artigo de fé que ia fazer um burro, ao tempo em que os governos ainda de tal não tinham ensinado o processo, nas paginas do «Diario» em tabellas de impostos e esbanjamentos addicionaes.

Chegou alfim o P.^e Manoel, grave nas suas vestes sacerdotaes, a longa batina, chegando-lhe ao artelho; e era de ver, de novo a revivescerem, mais frescas e vermelhas, nas faces da irmã, as duas rosas de ha tanto amarellecidas pelo outom-

no da separação; e os rapazes da sua *egualha* em serios embaraços por não se ageitarem a dobrar a lingua, para lhe chamarem «sr. Padre»; e as cachopas, rubras de confusão, —que talvez tivessem de confessar ao padre o enorme peccado d'aquelles doidos sonhos que lhes despertava outr'ora no seio o bater surdo —*pan!*... do *malhador*, sobre os trigos, no lagedo das eiras...

E, se o Antonio da Esquina não se deve dar por infeliz, na outra vida, por—a despeito da *gana* com que lhe andou o Manoel da Eira—não se ter transformado em burro, e ser, como todos os burros, guindado á immortalidade, no episodio biblico da Burra de Balaão, ou pela *arreata* da novella, nas paginas espirituosas de Sterne, a mim o deve, que fui arrancar-lhe o nome aos quatro palmos de terra que o cobrem, no cemiterio da sua aldeia, para o estampar em letra redonda nestas mal alinhavadas paginas.

Que a sua alma pois, lá na mansão dos justos, onde a elevou certamente o seu viver bom e simples, encommende a minha a Deus, e lhe peça que m'a salve dos anathemas e maldições com que hão-de fulminar-m'a os leitores incautos d'esta historia para fazer somno...

S. Martinho d'Anta, 27--3--99.



Estrella d'Alva



*Ao meu filho Ruy
no dia em que fez um anno.*

Ouve, filho meu, e recebe
as minhas palavras.

Do Livro dos Poetas.

(Conclusão)

XXIV

Cantem seus olhos e seus labios! cante
Todo o seu rosto na alegria douda
De quem vae vida fóra para a Bôda
Co'as mãos cheias de rosas, triumphante!

Não seja como o pae, que a vida toda
Levou por entre cruces, hesitante...
Sem saber bem o que estaria adeante...
Cantando — mas por medo! — olhos em roda...

E só agora que vos tem a ambos
—A ti e a elle! — é que da Vida sabe
O que seja viver-a em dythirambos!

Tão feliz por amar-te, quanto anhele
Que o nosso filho o seja! — quanto cabe
A homens, neste mundo, poder sel-o!

XXV

Seja mais tarde um poeta enamorado,
 Amando por amar: — pela ventura
 De dar seu coração; não, pela usura
 De amar só por amor de ser amado!

Ou, cingindo p'la Patria uma armadura,
 Seja um valente e impavido soldado!
 Ou ainda um sabio, o espirito obsidiado
 Pelo amor da Verdade nua e pura!

Ou seja um rude proletario... embora!
 Trabalhe de sol nado até sol posto,
 Como seus paes e seus avós outr'ora...

Mas sempre um Bom: de consciencia rara
 E d'espirito são: — tendo no rosto
 O espelho da sua alma ingenua e clara!

XXVI

Se, p'ra que os nossos filhos livres ergam
 A fronte soberana ao sol de Deus,
 Que, entre nuvens agora, lá nos ceos
 Os nossos tristes olhos não enxergam:

E' preciso afastar os escarceus
 A que as almas mais fortes ora vergam,
 Porque lhes falta, porque não albergam
 A fé que outrora erguia os Machabeus:

Vamos lutar: vamos morrer: ao menos,
 Cahirá sobre nós dos Ceos serenos,
 Como mortalha, a luz dum dia novo!

Vistamos nossas armas: e saimos
 A lutar e a morrer por quem amamos
 E a salvar, se é possível, este povo!

XXVII

A salvar este povo que merece
 Ter um futuro igual ao seu passado:
 A salvar este povo desgraçado
 Que é no fundo melhor do que parece!

Não digam nossos filhos: — O culpado
 Da desgraça que agora me acontece
 Foi meu pae: melhor eu nunca nascesse,
 Se tinha de correr tão triste fado! —

Se havemos de corar depois de mortos,
 Suba-nos sangue ao rosto, enquanto vivos,
 A nós que vamos pallidos e absortos...

E aos que contam levar-nos, como rezes
 Ao matadouro, humildes e captivos,
 Mostremos-lhes que somos — portuguezes!

XXVIII

Em prol da Patria — como foi costume
 Da lusitana, valorosa gente —
 Rebrilhem, como um raio, em prelio ardente
 Os gladios rubros a chisparem lume!

A ferro e a fogo, braço a braço, — a dente!...
 Dê-se morte a quem faz este negrume...
 Saccos de guano servem só p'ra estrume:
 Adubem-se essas terras largamente!

E convertam-se em trigo e em vinho e em rosas
Os corpos cujas almas cancerosas
Corrompem e escurecem o ar e o céo :

Que eu quero p'ra o meu filho a Patria erguida
A's glorias d'outros tempos; e esquecida
A miseria desta hora em que nasceu !

XXIX

Vamos mais longe : — se este Mundo é um cahos ;
Se, em toda a parte, os Homens se devoram
Como lobos; se, em toda a parte, choram
Os Bons, espesinhados pelos Maus ;

Se os que, em tempos de Pyrrha, pedras foram
Voltam, nos tempos d'hoje, a ser calhaus ;
Se em vez d'homens que o saibam ser, elle ha-os
Que de serem humanos até coram :

Faça-se pelo Mundo uma cruzada
Em prol do Bem, em prol do Amor, em prol
De toda quanta gente é desgraçada !

Sejam os Poetas, como disse o Christo :
—Sol da Terra e do Mundo sejam sol...
E, co'a graça de Deus, melhore-se isto !

XXX

Cantam os gallos... Talvez seja a Aurora
Que os faça bater azas inquietos !
A pé! a pé, oh palidos Hamletos !
Vamos cavar! Vamos lavar!—E' a hora...

Sob o suor que nos caia sobre os fetos
 Germina e cresce a Seara redemptora...
 Lancemos grão á Terra—muito embora
 Dê fructo apenas para os nossos Netos.

Não pensemos em nós: pensemos nelles...
 Talvez dos nossos Netos algum venha
 Fazer do homem d'hoje, ignobil, reles,

—O Homem-Ideal; isto é: um Rei que seja
 Legislador-Antistite: que tenha
 Dentro do Paço o Parlamento e a Igreja!

XXXI

Rei de si proprio que p'ra si decreta
 A Lei e a Fé: o Codigo e o Evangelho;
 Cuja Cathedra e Camara e Conselho
 E' da propria Consciencia a voz secreta.

Templo-Vivo de Deus: antes, Espelho
 Do Deus-Vivo de que elle é o Propheta...
 Tal figuro o Homem-Novo: - a Borboleta
 Liberta do Casullo do Homem-Velho...

Tal homem, direis vós, é uma utopia:
 Eterno seja o Mundo, não virá
 De novo ao Mundo um Filho-de-Maria!

—Concedo que esta ideia vos não quadre...
 Mas vós, oh Mães!... qual sabe o que será
 O Embrião que, d'ella occulto, traz na madre?!

XXXII

Preparemos nós todos o Caminho
Ao Messias, ao Christo, a O-que-ha-de-vir :
—Para a Ceia que Elle ha-de instituir,
Tem a Terra de dar-lhe o pão e o vinho.

Quem a Estrella-dos-Magos descobrir
Das nuvens sob o denso redemoinho,
Esse que a aponte logo ao seu visinho
E pegue no bordão para partir...

E vamos de longada por'hi fóra...
E vamos todos! é chegada a hora
De voltar o que foi de novo a ser.

Hora indecisa... E' a crise: é a hora cyclica:
Deve estar p'ra nascer a Estrella-biblica...
O Christo deve estar para nascer!

XXXIII

Mas hemos d'ir assim de mãos vasias
A's palhas da Belem onde Elle nasça:
—Nós que, para remedio na desgraça,
Só contamos co'a graça do Messias?!

E como havemos de cahir-lhe em graça,
Se Elle só ama as rudes energias
E nós temos assim as almas frias,
Como cinzas que foram d'outra raça?

E, quando a Estrella despontar nos Ceos,
Quem ha de commungar na Nova-Lei,
Se á Mesa da Lei-Velha todos comem?

E aonde o incenso p'ra adoral-o — Deus ?
 E aonde o oiro p'ra acclamal-o — Rei ?
 E que é da myrrha para ungil-o — Homem ?

XXXIV

Pobres de nós! . . Não temos nada! — nada
 Que depôr aos seus pés, na fria palha!
 Se nós gastamos a ultima mealha,
 Cresos que fomos, da riqueza herdada!

Da Vida na durissima batalha
 Ou da Orgia na noite desregrada,
 Foi-se-nos toda ella dissipada,
 Que nem temos agora uma mortalha!

Oiro da Fé, myrra do Amor, incenso
 Da Piedade... onde irá essa Trindade
 Que nos trazia o Coração suspenso?!

Sei lá?!... Mas se partissemos á cata
 D'outra Fé, d'outro Amor, d'outra Piedade
 Que matassem o Tedio que nos mata?!...

XXXV

Vamos a crear um Sonho que alevante
 Nossas Almas ao Ceo d'onde cahiram:
 P'ra subirmos aonde outros já subiram
 Só nos falta a Vontade triumphante.

Se as azas ancestraes se nos partiram,
 Queiramol-as nós ter, que num instante
 Erguemos vôo — a ver no Azul distante
 Um outro Ceo que nossos Paes não viram!

Um Sonho que nos valha o Sacrificio:
E vamos nós por elle entrar na lida,
Que isto assim é da vida um desperdicio!

Depois... se o Sonho fôr um sonho vão,
Temos ao menos a que dar a Vida
E os nossos filhos a que a dar terão!

XXXVI

Um sonho — um sentimento ou uma ideia! —
Uma fé — dê-nos ella gosto ou pena! —
Mas a fé que não foge ao ver a hiena
Nem das grades do circo se arreceia!

A fé que brilha impavida e serena
No Templo, no Amphiteatro ou na Cadeia...
Que é fogo e como o fogo mais se ateia,
Quando o Mundo entre apupos a condemna!

A fé que nos levanta a Alma ao ar
E nos floresce os labios num sorriso,
Quando o corpo rechina sobre brazas!

Ah! mas p'ra crêr o que é preciso é amar:
Mas p'ra voar o Amor é que é preciso...
Que o Amor tem azas e, o que é mais, dá azas!

XXXVII

Amar os outros, mas amal-os tanto,
Que, se um mal nos advem por seu amor,
A dôr não a sentimos ou, melhor,
Tem mel em vez de fel o nosso pranto.

Dá-nos o Amor a embriaguez da dor
 E das bemditas lagrimas o encanto :
 Que soffrer por amor é tudo quanto
 Na vida tem ainda algum valor.

P'ra voarmos até onde sonhamos
 Vamo-nos a morrer por o que amamos,
 —Seja uma ideia ou seja uma mulher !

Que p'ra alcançarmos a infinita altura
 Uma só regra sei, mas é segura :
 —Achar na dor de amar todo o prazer.

XXXVIII

A chave deste enigma da Existencia
 Não é no goso que se encontra, não :
 E' sim no Sofrimento ; é na Paixão ;
 Quando a Tortura cae sobre a Innocencia.

A Vida neste mundo é uma ascensão
 Para a Luz onde Deus é a Evidencia . . .
 Custa a vencer essa distancia :—vence-a
 Aquelle que a dôr leva pela mão.

Alma que lá do Ether crystalino
 Chamei para este corpo pequenino
 Na hora em que a vida se me fez aurora :

Oh Alma a quem minha Alma tanto quer,
 Desceste quanto tinhas a descer . . .
 Põe azas nos teus pés e sobe agora !

XXXIX

Serpente que a si propria a cauda morde,
 Principio e Fim, na Vida, é tudo um...
 De quantos seres Deus creou nenhum
 Ha que p'ra a Luz um dia não accorde.

Grãos d'areia que ergueu o Simoum,
 Por mais que o rumo seu seja discorde,
 Nenhum ser ha que um dia não aborde
 A' mesma Mesa e quebre o seu jejum.

Todos hão-de matar um dia a fome
 De Ideal que desde a Origem os consome
 No Banquete a que Deus todos convida.

De Esphera em Esphera—cada vez mais perto
 Do Fim supremo ante sonhado e certo
 Cada Ser vae cumprindo a Lei da Vida.

XL

Tu proprio que ora tenha nos meus braços,
 Quem sabe lá que Mundos percorrestes
 Até vires por fim a cair neste
 Por onde eu vou guiar teus debeis passos ?

Quem sabe lá que vidas já viveste,
 Que anceios já passaste e que cançassos,
 Na pregrinação pelos Espaços
 Desde o seio de Deus, donde desceste ?

Quando ás vezes te tenho no meu colo
 E' p'ra ter na hora triste algum consolo,
 D'esses teus olhos bebo o aureo brilho,

A mim proprio pergunto confundido :
 —Mesmo na Terra, o que terás tu sido
 Antes de seres... o que ora és, meu filho ?

XLI

Não sei ; não sabes ; ninguém sabe ! Tudo
 Mystério ! não nos lembra o que já fomos...
 Quando p'ra traz de nós a olliar nos pomos,
 Nada nos valem reflexão e estudo.

Passam, é certo, ás vezes uns assomos
 De luz na escuridão... O Espectro mudo
 Que anda comnosco falla-nos... Comtado
 Só mal ainda sabemos o que somos.

Sabemos ? não : sentimol-o ! (que n'isto
 De saber o que sou e p'ra que existo
 Mais fio do coração que da cabeça...)

E o Coração, se bem o consultamos,
 Diz-nos bem o que somos e ao que vamos :
 —E a unica Sciencia necessaria é essa.

XLII

Casou-se o Ceo co'a Terra : e, a cada beijo
 Com que o Ceo orvalhava a Terra anciosa,
 Floriram Almas no utero da Esposa,
 Como os lotus azues á flor dum brejo.

Uma seiva divina, milagrosa
 Como um Nilo abençoante e bemfasejo,
 Correu por sobre as fragoas do Desejo
 N'uma onda prolifica e amorosa...

Ora dessa união hybrida e sagrada
 Uma raça de deuses exilada
 N'este Valle de Lagrima nasceu...

Filhos do Ceo, que o Ceo gerou na Terra,
 Num verso apenas minha fé se encerra :
 —Vimos do Ceo e vamos para o Ceo !

XLIII

O mais... E ha por ventura mais alguma
 Coisa na vida que se saiba ao certo ?
 Se isto mesmo p'ra muitos é um asserto
 Sem base donde auctoridade assuma !

Se a crença em que nos ha-de ser aberto
 O ceo um dia é para muitos uma
 Simples quimera, uma illusão em summa
 Como essa da miragem no deserto :

Se isto assim é: se a Duvida sombria
 Nos vae sugando a Alma dia a dia
 E toda a gloria de viver nos tira :

Pois que a Verdade mora em vossos labios,
 Vós que tudo sabeis, dizei, oh sabios :
 Em que é que se ha-de crer, se isto é mentira ?

XLIV

No Mal... que triste coisa é ter fé nelle !
 E ter só nelle fé... que coisa triste !
 Nem eu sei como ainda se resiste,
 Tendo n'alma esta chaga a sangrar fel !

Crer no Mal?!... Mas o Mal em que consiste? ..
 --No nosso Mal-Querer, cego e cruel,
 Que em guerra, uns contra os outros, nos impelle...
 Se existe o Mal, por nossa culpa existe.

Gera a vibora o filho que a devora:
 Assim na Alma onde a Ignorancia mora
 Se gera um filho que devora a Mãe...

Se o Inferno é um Estado-d'Alma—a sua origem
 E' pura e simplesmente uma vertigem...
 O Mal é o Erro: o que é a Verdade é o Bem.

XLV

Filho! meu filho! se mais tarde ouvires
 Os Homens-de-Juizo pôrem pecha
 Nesta doutrina, teus ouvidos fecha
 E arreda-te do sitio aonde os vires.

Que taes palavras te não façam brecha
 Na Torre da Quimera a que subires:
 Deixa-os fallar; e, sem te distrahires,
 Faze a tua obra e não te importes: deixa!

Faze a tua obra de virtude e crença,
 Bem diversa da obra d'esses bôbos
 Que fazem rir a quem lhes dá mantença!

Que a luz que do teu cerebro irradie
 Fogueira seja que afugente os Lobos
 E seja estrella que os Cordeiros guie!

XLVI

Tempo virá — porque ha-de vir! quem dera
 Que fosse em tua vida! em minha, não,
 Que na terra ainda é muita a escuridão...
 Vem longe ainda o Sol da nova Era!—

Em que deixe de ser uma illusão
 O que hoje nos parece uma quimera...
 Ha de vir esse tempo, oh filho! espera,
 Que atraz dos tempos maus, os bons virão!

Se agora para mim viver é doce,
 E' que outros sonhos já me não consomem,
 Senão este em que ponho confiança.

Em vez de ser teu pae, teu filho eu fosse!
 Quando tu fôres, como eu hoje, um homem,
 Fosse eu então, como hoje tu, creança!

XLVII

Já eu talvez tivera nos meus olhos
 Um clarão d'essa aurora com que sonho,
 Eu que os olhos sem brilho agora ponho
 Nos teus que me são luz entre os escolhos!

Já eu vira talvez o que supponho
 —E que só de o suppôr sobre os abrolhos
 Faz crescer, faz florir rosas aos molhos!
 Tornado realidade... em vez de sonho!

Já eu vira... Mas não:— do alto do Monte
 Marco aos outros, nas brumas do horisonte,
 Onde lhes fica a Terra-Promettida...

Mas eu, pobre de mim! só posso vel-a,
 Só sou digno, meu filho, d'entrar nella...
 Depois de ter sahido d'esta vida!

XLVIII

Mas, se eu a sonho, em certo modo a vejo:
 Escorre-me na bocca o mel em fio;
 Co' o vinho dos seus cachos me enebrio;
 Na agua das suas fontes me revejo.

Uma luz como nunca ninguem vio
 Envolve-me, suave como um beijo...
 E, leve como a luz, quando o desejo,
 Sou no Ether um Cysne sobre o rio.

'Travez dos corpos já se as Almas vêem:
 Sem juras vãs umas nas outras crêem:
 Fallam-se as Almas num silencio estatico...

E lá vamos no Azul cheio d'estrellas,
 —Caravellas de luz, soltas as velas...—
 Levando a propria luz como Viatico.

XLIX

E' neste mundo? é n'outro mundo? é entre
 Este mundo e outros mundos que ha no espaço?
 —Já vi isto; já vi!. . .— a cada passo
 Exclamo; mas, por mais que me concentre,

—Onde foi? quando foi?!...— murmuro, em mentre
 Por sobre soes e estrellas esvoaço...
 Tal qual, depois do nupcial abraço,
 O filho que a Mãe traz ainda no ventre!

Tambem elle não sabe d'onde veio
 Nem sabe onde é que está... E todavia
 Vagamente se lembra assim d'um seio...

Maciesas suavissimas d'arminho...
 Um luar como de lenda e feeria...
 O calor e o aconchego assim d'um ninho!

L

E, quando busco a terra, onde estar deva
 O Monte destinado ás Gemonias,
 Quando a busco da Altura onde me leva
 O vôo das fugaces utopias :

Em vez de lodo argamassado em treva,
 Vejo um carro de luz como o de Elias,
 Levando os resgatados Filhos-d'Eva
 Entre évohés e hossanas e alleluias!

E' o triumpho do Bem, meu filho! E' quando
 A Serpente que aperta nos seus elos
 Este mundo mesquinho e miserando

Esmagada escabuja finalmente
 E a Noite dos tremendos pesadelos
 Foge vencida á luz do Sol-Nascente!

LI

Diademado de loiros e de rosas
 Lá te vejo: lá vens... Erguem-te aos ares
 Nas soberbas rodela gloriosas
 Esses que foram teus Irmãos, teus Pares!

E, oh filho! de te ver, sob os olhares
 Das gentes que te fitam pressurosas,
 Radioso como um Deus sobre os altares,
 Sou eu quem beija as tuas mãos virtuosas.

Vae meu halito no ar que tu aspiras
 Meu sangue as rosas que te lançam tinge:
 Na voz das turbas minha voz resôa:

E, enquanto os que te acclamam tanger lyras,
 Na auréola d'ouro com que o Sol te cinge
 Toda a minha Alma, oh filho, te abençôa!

LII

Em vida minha não verei na Terra
 Raiar o Sol... só lhe vislumbro a Aurora!
 Deixal-o! Tenho-te, meu filho: agora
 Já morrer me não doe nem já me aterra.

Não verei triumphar a Paz da Guerra
 E o Bem do Mal: não o verei! embora!
 No tumulto que aos outros apavora
 Eu sei que só o corpo é que se enterra!

O Espirito é que não! o Espirito, esse
 Ergue-se ao ar: ergue-se a Deus: não desce:
 Não baixa á Terra: nem a Terra o come!

Vae p'ra Deus: ou, se fica, está contigo:
 No teu peito, meu filho, dás-lhe abrigo:
 —Herdas-m'o tu, Herdeiro do meu nome!

CARLOS DE LEMOS

INFANTICIDA



Naquelle domingo — um bello dia de março, todo arripiado de frio, é certo, mas doirado de sol também, um verdadeiro domingo afinal! — naquelle domingo, á missa do dia, o abbade, um velho abbade d'aldeia, despreoccupado e pachorrento, lera, escarranchando sobre a penca veneranda os oculos mais venerandos ainda, os proclames do filho do Morgado — o Morgadinho, como lá na terra lhe chamavam — com a filha do Brasileiro que chegara havia pouco, pôdre de rico, dizia-se.

E fora em seguida, enquanto o abbade procedia ao *lavabo*, um fallatorio dos diabos por toda a egreja, coisa que muito escandalisara uma velha beata surda que em voz roufenha protestou contra a falta de temor de Deus e o sacristão que da credencia, antes de responder ao *orate-frates*, soltou um psciu reprehensivo e prolongado.

Em certo modo, porém, o caso tinha sua desculpa: nem aquelle povo, que era todo muito temente a Deus e ao senhor abbade — mais ao senhor abbade do que a Deus, manda a verdade que se diga — praticaria semelhante desacato, se para tal não tivera carradas de rasão.

E tinha-as. Pois se ninguem até aquella bemdita hora havia bacorejado de tal casamento!

— Quem no havia de dizer?!... — segredava, junto da teia, uma loiraça nutrida para outra cachopa ao lado, amorenada e esguia, de grandes olhos negros faiscentes.

— Quem hoje não janta sei eu. Dá-lhe algum fanico que a mata!

—Coitada! Vá-se a gente lá fiar... Ella estará cá?

E voltaram-se ambos para o coro ao fundo, como a procurar alguém.

—Mas espera! disse a morena de subito: que vamos nós ver?! A D. Maria estava agora mesmo cá; pois não estiveste!

—Ora essa! porque? Então que tinha?

—Que tinha?... Hum! Ando cá a desconfiar... Já ha bons dois mezes que ninguem lhe põe olho em cima! e o povo é todo por ahi a rosnar... Pois tu, seriamente, ainda não ouviste...

—Eu não: crédo!

—Credo?! Não, que ella não é como as outras!... Ora a minha vida!

—Pois sim; mas olha que tambem ás vezes levantam cada uma! Lembra-te da Annitas: o povo todo a boquejar na rapariguinha e ella pura como as estrellas!

—Sabes que mais? tu o que és é uma grande simploria: se fosses cá como a gente! Mas olha lá para a mãe... Ali, no logar do costume: ves-la? a fingir que lê na cartilha para não dar com os olhos numa pessoa...

—Coitada! até parece que está a tremer!

—Pudera! uma d'estas por as ventas sem ser esperada!... Mas quem é que é tolo?! estava-lhe ali mesmo o Morgadinho para a lambisgoia da filha... Ora a graça! Que as vá agora chorar para a cama! Para que a deixou ella á solta?... E se a rapariga andava com o sangue na guelra... meu amigo, bom remedio, que ella tem bom corpo para as levar, como as outras!

—Cala-te ahi, que pode acontecer o mesmo á gente!

—Ora mas não aconteceste; nem podia deixar de ser! Neja cá eu! não ha de ser a filha de meu pae! Cá Marialvas que vem lá de estudar d'essas terras do reino p'ra fazerem pouco d'uma pessoa.

E curvou-se de repente ás pancadas no peito: que o sacristão, talvez de enfurecido por ver o seu psciu tão des-

respeirado, agitava a campainha com grande fracasso, o que, em certo modo, nada justificava a sua alcunha de *Não-te-ra-les*...

Finda a missa, quando o senhor abbade, como de costume, veio ajoelhar no ultimo degrau do altar para a resa das *ave marias*, as duas é que não esperaram mais; e com ellas bem boa metade dos fieis pelo menos—por aqui é que é o caminho!—esgueiraram-se pelas duas portas da egreja, que foi mesmo um desafôro. Caso unico nos annaes da terra,—a *Salve-Rainha*, naquelle dia, morreu, logo ás primeiras vozes, num confuso cicio de risinhos suffocados, que as poucas devotas mais pacientes, mal ergueram a antifona, vendo-se em minoria, deram em calar-se de envergonhadas ..

E' que aquelle bom povo não podia mais: precisava d'ar, precisava d'um desabafo... Uma assim! Não; d'aquellas, poucas! Então, a coisa a passar-se ali mesmo, nas suas bochechas, e sem alma viva ter toscado nem raça de nada!...

E no adro, durante bom pedaço de tempo, foi um nunca acabar de interepellações curiosas, de exclamações de surpresa, de ditos picantes proferidos a meia voz, de segredos murmurados ao ouvido uns dos outros e seguidos de gargalhadas muito altas, muito prolongadas...

—Com que então, casamento d'estalo? !... dizia o Mestre-Zé rapando as barbas a um freguez, para o grupo em roda, sob as oliveiras, a um canto do adro.

—Teve sorte o alma do diabo! apanhou-nos a melhor franga e...

—Psciu! que ahi vem a gallinha velha...

Todos se riram com o dito do Figaro, que tinha pilhas de graça, dizia-se; mas, acto continuo, todos tiraram os seus chapéus e se ficaram por um pouco numa attitude cheia do maior respeito.

Passava uma velhinha, essa mesma que já fora visada na egreja pelas duas reparigas, a mãe da D. Maria, salvando a todos os que lhe ficavam mais proximos na sua voz doce e benevola do costume, mas agora um pouco mais tremula, um

pouco mais enfraquecida, parecia. Era realmente para incutir respeito, veneração até, essa pobre velhinha de aspecto fraco e doentio: tão por completo personificava ella o typo ideal de doçura, de paciencia, de resignação soffredora que a gente sonha mas que não imagina que uma creatura d'este mundo possa realisar, muito magrinha, cabellos de prata num rosto de cera, toda de preto desde as meias até ao lenço e ao chale de bico pregado adeante, no peito, com um alfinete ainda preto tambem...

*

—E' impossivel, é impossivel!... repetia a D. Maria em largos passeios pelo quarto, o andar febril, a voz e os gestos d'uma allucinada.

—Então, filha, então?!... que se lhe ha de fazer?!... — repetia a mãe, toda afflicta tambem, forcejando por acalmar-a.

Mas a pobre continuava muito agitada, estorcendo as mãos, aquellas palavras, as mesmas sempre, a sairem-lhe dos labios quasi sem interrupção, parecendo que nem ella propria era já senhora de as represar lá dentro.

—Filha, minha filha, socega!... E d'ahi, pode bem ser que eu me tenha enganado... Mas socega; pelo amor de Deus socega, filha!

Que socegue!

E indo cahir de joelhos aos pés da cama, o rosto escondido na alvura da coberta, os punhos fechados mettidos nos olhos sem lagrimas, a pobre pensou com uma dolorosa amargura no ingenuo concelho da mãe — que socegasse! — como se jámais para ella podesse existir outro socego que não fosse o da morte sob os quatro palmos de terra d'uma cova no cemiterio.

Socegar! E' que não comprehendiam nem a sua dor immensa nem o seu immenso desespero... Socegar! Era bom de dizer, era!

E lembrava todo o passado — a sua infancia decorrida ao lado d'aquelle que tão cruamente a abandonava agora, esses

annos de mocidade consumidos numa lucta continua entre o amor d'ella e o desejo d'elle, ella ignorante e pura, elle egoista e experiente, lucta em que por fim cahira, em que fora vencida por fim, como era natural... pois se ella o amava! se ella se julgava amada!

Horas deliciosas do recreio, em folguedos pelo jardim, horas do estudo graves e serias, com que infinita saudade o coração lh'as relembrava!...

Fôra com seu pae que elle aprendera as primeiras letras, que elle fizera no Lyceu os seus exames de portuguez e francez, com seu pae, pobre mestr'escola d'aldeia, é verdade, mas com uma instrucção muito superior á sua posição na sociedade... Elle, o Joãozinho, como então lhe chamavam, era preguiçoso: para espertar-lhe a natural emulação, o pae fize-ra-os companheiros d'estudo, visto que ella, alem de intelligente, era muito applicada tambem. E valera-lhe isso realmente de muito, porque começou a trabalhar com mais vontade e a seguir passo a passo a companheira, sabendo que ficaria privado d'ella, se a deixasse passar adeante... Ah! nesse tempo doia-lhe ter de ficar sem ella: nesse tempo, ao menos, fôra elle verdadeiramente seu amigo!... Depois, quando, aos treze annos, feitos os seus primeiros exames com distincção, partira a matricular-se no Lyceu, que de lagrimas nos olhos de ambos! que de protestos d'uma eterna amizade nos labios d'elle! E durante o primeiro anno assim fôra: escrevia-lhe amiudadas vezes cartas muito longas, cheias de saudades, informando-a de tudo, dos seus estudos, dos seus companheiros de casa, do que fazia, do que dizia, do que pensava até... Cartas cheias de deliciosas infantilidades que ella guardava como se foram reliquias, como se fôra o que de mais precioso tivera. E ao vir para ferias, concluidos os seus trabalhos com bom resultado, eram sem fim os abraços, as caricias, as doidas expansões de jubilo. Só queria estar com ella, conversar com ella, brincar com ella: ou elle em casa d'ella ou ella em casa d'elle; que, se o pae uma vez ou outra o não deixava sahir, eram logo instancias e mais ins-

tancias e mais instancias para que a mãe a mandasse buscar; e a boa senhora afinal lá condescendia com o seu menino... Bons tempos!...

No segundo anno porem, as coisas mudaram um pouco: escrevia-lhe menos vezes e as cartas eram mais curtas. Ella bem percebia que já lhe não dizia tudo com a franqueza d'antes; que lhe occultava já certos factos, certas circumstancias... Mas durante as ferias era sempre o mesmo gosto de estar com ella; se bem que já havia entre elles um não sei què, uma especie de constrangimento a acobardal-os... E assim foram desapparecendo a pouco e pouco as intimidades e as suas relações tomando outro feitio: é que ella estava já uma mulhersinha e elle já quasi um homem tambem...

Entrara, depois do terceiro anno, a ser riscado por faltas ou a ficar mal nos exames... Que fazia para não ir ás aulas, para não estudar? Na aldeia correu que andava lá doido por uma costureirita... Apesar do pedido da Morgada — que lhe escrevesse ella uma carta dando-lhe conselhos, que bem podia ser que os attendesse, amigo d'ella como era — absteve-se de o fazer... Melindre? timidez? pudor? — isso e... e ciume tambem, um ciume desaustinado que receava não poder conter, que receava deixar-lhe adivinhar, quando a pobre, só á ideia de que elle o viesse um dia a sonhar, se sentia morrer de vergonha!

Amava-o: e com um amor d'esses que decidem da sorte, do futuro, da vida d'uma creatura: amor absorvente, fatal, que ella não podia vencer, que a havia de vencer a ella! E o abysmo que esse amor lhe escancarava aos pés via-o ella bem: abysmo cavado pela riqueza, pela casta, pelo preconceito... Mas que fazer-lhe?...

E elle?... amal-a-ia elle? O coração segredava-lhe muito baixinho — que sim...

Mas não tardou muito que elle proprio lh'o não dissesse ousadamente, sem sombras de timidez, que lh'o não dissesse e lh'o não repetisse e affirmasse em mil protestos exaltados, exigindo uma resposta peremptoria, e isto, com um tal ardor,

com um impetotal, que ella toda tremia de febre só de o ouvir.

E a lucta travara-se desde então. Começara a evitar-o, a evitar, sobretudo, estar só com elle, receosa dos seus arrebatamentos a que de mais a mais se sentia com poucas forças para resistir. Elle comprehendia isso mesmo; e não dizia nada: mas tornara-se sombrio; e tinha ás vezes para ella phrases bruscas e violentas—que não chegavam a feril-a, não: que bem sabia ella o que as motivava!—mas soffria por vel-o soffrer: cheia de receios ao mesmo tempo, não fosse elle, por magoado com o rigor d'ella, esquecel-a e dar o seu amor a outra que fosse mais condescendente.

Ah! que tempo esse, o tempo dos jubilos ineífaveis e das ineífaveis torturas, quando, nas longas noites d'inverno, em casa dos Morgados, os dois, a um canto da sala, jogavam o diabrete com o velho feitor aposentado meio cego e meio surdo, enquanto todos os mais jogavam o *mist* assentados á volta da grande mesa de pau preto, de largos pés torneados, uma preciosidade de familia—que delicioso tempo esse em que elle a cobria de adoração com os olhos e, se acertava ficarem os dois sosinhos, a tomava pelos pulsos apertando-lh'os até ás lagrimas, constringendo-a a curvar-se para elle, até que os seus labios lhe pudessem cerrar os olhos com beijos!

Mas fôra resistindo; fora resistindo sempre, annos inteiros, apesar de elle se tornar cada vez mais arrojado e insubmisso, apesar de o seu proprio amor a dominar mais por completo dia a dia, hora a hora.

Elle concluíra emfim os preparatorios e fora matricular-se na Universidade, onde, com a perda d'annos successivos, chegara até a perder a tolerancia. A Morgada morrera. Desanimado de fazer do filho qualquer coisa, o Morgado, já velho, mandara-o regressar á aldeia para não mais voltar aos estudos—que tractasse da casa e dos bens, já bastante desfalcados, dizia-se.

E fôra a presença de todos os dias, a forçada intimidade a que não podia nem sabia resistir, os protestos, as suppli-

cas, as lagrimas, as exigencias imperiosas e quasi brutaes de todos os momentos, tudo isso que tinha sempre no ouvido a aturdil-a, a quebral-a, a vencel-a, a adormecer-lhe toda a sua sua energia de mulher forte e honesta, fôra isso tudo que lhe preparara a queda irremissivelmente!

Como fôra!?!... Estava ainda convalescente d'uma febre que a prostrara na cama por muitos dias, abatida com a morte recente do pae que tanto adorara, os membros como que adormecidos naquelle suave, naquelle traiçoeiro enlanguescimento de quem regressa á vida meio somnambula ainda... Ah! como fôra, que não resistira?!... Nem sabia bem: que esses momentos espelhavam-se-lhe na memoria como atravez d'um veo que não podia, que não conseguia apartar, por mais esforços que empregasse.

Do que se lembrava, e isso com uma tal precisão que a fazia ainda estremecer no mesmo arripio, era do espanto doloroso que a tomara ao *acordar*, ao comprehender, ao comprehender afinal, o que tinha sido feito de si!... Mas até isso quasi de todo se lhe desvanecera ao calor dos beijos de que elle a cobria e ad influxo principalmente do sagrado juramento que lhe fizera, pela memoria do homem honrado que fôra o seu primeiro mestre, de que a faria sua esposa logo que pudes-se, apenas o pae fechasse os olhos, se em vida não lograsse persuadil-o a que consentisse no casamento...

Já lá ia mais dum anno depois d'isso: e como as coisas tinham mudado d'então para cá! Passados mezes, começara elle logo a esfriar, a esfriar... e ultimamente até já a evitava: até já fugia d'ella! Com o pretexto de serviços a mandar fazer em outras quintas muito afastadas, para lá partia, por lá andava, por lá se deixava ficar semanas e semanas... Oh! ella bem comprehendia; via muito bem que já se cançara, que se saciara já: fôra um capricho dos sentidos, mais nada, o que para ella o arrastara; não fôra o amor, não fôra! um amor absorvente e fatal como o que ella lhe consagrava... tivesse-o ella então comprehendido!... tivesse-o ella imaginado!... Mas como?! como differençar o amor absoluto do

amor transitorio, o amor d'ella do desejo d'elle, se este e aquelle se tradusiam pela mesma forma: as palavras eram as mesmas; eram as mesmas as caricias?! como?!... E, quem sabe? talvez elle proprio, nesse tempo, estivesse afinal convencido de que a amava realmente, de que a amava com o amor exclusiyo e forte que nada consegue arrancar-nos do coração... talvez! Como tel-o adivinhado? Como?! ..

E a desgraçada estorcia os braços, mordida as mãos desesperada em face do irremediavel. . .

Acabou-se!... Mas o que ella não esperava d'elle, o que ella lhe não podia perdoar, o que a enchia de fêl e de raiva contra elle, era essa infamia de a abandonar assim descarovelmente. . . e agora! e então agora, em vespuras de ser mãe, quando o filho d'elle —o filho d'ambos!—ia abrir os olhos, sequiosos de luz, do sol de Deus e a alma, sequiosa de beijos, ao calor dos seus labios! o biltre!...

E era certo: era mais que certo! fugia, como um vilão, ás suas responsabilidades e deixava-a a ella só, amarrada a esse filho sem pae, filho que era a sua vergonha e de quem ella seria mais tarde a vergonha tambem! Abandonava-a, oh ceos! e por quem?! por quem a abandonava?!... por uma creatura feia, estúpida, sem valor nenhum, uma perversa que sabia de tudo e casava com elle—e queria casar com elle sabendo de tudo!... Ah! mas era rica: e, porque era rica, enxote-se uma desgraçada para o lado, sem nem a olhar sequer, como quem arreda de si uma coisa vil, um trapo que já não serve para nada: e ella que se aguentasse! e ella então que estoirasse p'r'ali de vergonha, pois então?!... que isso não iria perturbar a digestão de ninguem! . .

Não tinha mais que fazer senão resignar-se; ser como tantas outras uma mulher perdida; ver-se deitada ao desprezo, apontada a dedo nas ruas; uma *creatura* de quem todos se riem e de quem todos se arredam, não vá ella sujal-os com a lama da sua miseria! . . .

Deus do Ceo! era lá justo?!... era lá possivel?!... Ella, humilhada, aviltada, enxovalhada para todo o sempre; e elle

então, triumphante, respeitado e adulado por todos: rico e feliz nos braços da outra, elle! e ella, de filho ao collo, a amamentando com o leite da sua vergonha, esse filho que elle renegava, quem sabe? talvez pondo em duvida a fidelidade da amante... para assim fazer desculpar o seu procedimento infamissimo! ..

Ah! não; não podia ser! não havia de ser! O que faria?!... sabia-o ella por ventura?!... O que ella sabia é que isto não podia ser assim; não havia de ser assim!...

E voltando-se para a mãe num repellão:

—Que socegue! como quer então que eu socegue?! .. Se eu fosse como a mãe: se eu tivesse esse genio descansado que parece que nem as coisas são comsigo...

Mas, encarando-a de frente, viu-a tão branca, tão curvada, tão enrugada, a bocca contrahida numa ruga tão dolorosa, os olhos sob as palpebras parados, e as lagrimas paradas nos olhos—como se todo o seu rosto fosse uma lagrima gelada a outras lagrimas inaccessible!—que, numa grande piedade por ella, num grande remorso do que fizera, foi-se arrastando para junto da pobre, sem se erguer, de joelhos, e deitando-lhe a cabeça no regaço, suffocada de soluços, murmurou debilmente:

—Oh minha mãe, minha mãe! és uma sancta... Perdôa-me! perdôa-me!...

*

* * *

Toda a aldeia estava em festa. Casava nesse dia o morgadinho com a filha do Brasileiro. Fazia gosto ver as raparigas, logo de manhã todas aperaltadas, com os fatos mais vistosos, os lenços mais garridos, á conversa umas com as outras ou com os rapazes, aperaltados tambem como ellas, a véstia melhor, a facha clara, a gravata nova, de côres berrantes...

O casamento seria de grande estadão: só musicas, duas;

foguetes nem se sabia quantas duzias; e já um rancho de rapazes tinham tomado á sua conta a corda do sino... Grande festa; rijsa festa, sim senhor! A igreja então estava que nem um brinco, cheia de lustres, de flores, de tapetes, de sanctas... E o vestido da noiva? ia na aldeia grande borbórinho de curiosidade por causa d'esse vestido... Como seria? de que seria? seria azul, como o da Senhora das Dores? teria muito oiro? E' que se dizia que era tão lindo e tão rico que nem tinha sido feito em terras do reino: que, pelos modos, o pae, o senhor Brasileiro, tivera de o mandar vir de lá de fóra, d'essas terras da França, por cá não encontrar coisa que lhe enchesse as medidas...

Casamento de truz, como outro assim não esperavam ver em dias da sua vida.

—E a D. Maria? dizia um.

—Ha-de ter curtido bem bons amargos de bocca; ha-de... Mas então? que se resigne! Tem acontecido o mesmo a outras mais finas!...

E logo passavam á ordem do dia, de habituados como estavam a presenciar casos d'esses a cada passo...

A pobre D. Maria, essa, lá estava deitada na cama, a casa, cerrada e silenciosa, a contrastar com a animação e o borbórinho da aldeia, lá estava desfigurada que nem parecia a mesma que fóra, muito magra, os olhos dilatados pela febre, uma ruga estranha a vincar-lhe a fronte, entre as sobrancelhas, enchendo-lhe o rosto de não sei que sombras enigmáticas, de mau agoiro...

Ao seu lado, envolto em fexas muito quentes, mal avultava o pequenino corpo do filho, nascido havia pouco mais de oito dias, em seguida a um parto difficil e laboriosissimo...

O que ella soffrera! o que ella soffrera n'esse curto espaço de tempo, depois da fatal revelação, as torturas moraes, já de si tão grandes, aggravadas por aquella enorme tortura phisica!

A principio, caíra numa especie de atonia, de marasmo, de insensibilidade quasi: e raro uma queixa, um protesto,

uma palavra de desespero lhe sahia dos labios. Mas depois, á medida que o termo da gravidez se approximava, a agitação, os estremecimentos, todo esse estado particular precursor da crise lhe esportou a sensibilidade e lhe sacudiu os nervos fazendo-lh'os vibrar dolorosamente. . . Ia ser mãe! Ia ser mãe—oh ironia da Sorte!—talvez no proprio dia em que elle publicamente a renegava, ligando-se a outra. . . Ia ser mãe! Mas ao miseravel que lhe importava isso? sahiria triumphante da igreja, levando a noiva pelo braço — cem contos de reis, que lindo dote! . . . — e cobrindo-a a ella d'infamia para sempre, sem uma hesitação, sem um remorso, indifferente pela sua vida, indifferente pela vida do filho. . .

E tomava-a uma grande revolta: porque não fazia ella como elle? Se elle abandonava o filho, porque não havia ella de abandonal-o tambem? de lançar para longe de si esse estigma da sua queda e voltar a ser livre, como as outras eram, como ella propria d'antes fôra? Como queriam que, sendo mulher, mais fraca por tanto, carregasse ella sosinha com toda a responsabilidade, se elle, que era homem,—o forte, elle!—a declinava cobardemente? Como? Pois esse filho do amor d'ella e do capricho, muito embora, d'elle, seria porventura mais filho d'ella do que d'elle? não seria egualmente filho d'ambos? Então porque haviam de esmagal-a todos os encargos e todas as vergonhas; e elle, d'hombros livres e rosto desassombrado, tudo havia de ser como se nada com elle fôra? Por cima do seu abandono vinha-lhe agora ali ainda mais aquelle testemunho vivo da sua falta, da sua queda, da sua miseria! Era o castigo do seu peccado? . . . Mas o peccado não fôra d'ambos?! não fôra até elle o unico culpado e ella apenas uma victima, nada mais? E era sobre ella que iriam chover as pedras e os chascos; e sobre a cabeça d'elle os applausos e as flores! Era esta a justiça de Deus?! . . . Não; Deus não podia sancionar tal absurdo: a benção que o padre lhes lançasse havia de forçosamente ser uma benção sacrilega, uma profanação, uma impiedade! Mas. . . e que importava que o

fosse?!... Não ficavam elles do mesmo modo casados e ella abandonada e perdida do mesmo modo?!...

E as fontes a baterem-lhe, as faces esbrazidas, os labios crispados, os olhos fitos no tecto com uma fixidez d'idiota, apertava as mãos até os ossos lhe estalarem e para ali se ficava amodorrada a um canto do seu pobre quarto, onde não entrava o ar, onde não entrava o sol, com a janellinha fechada, não fossem ouvir-lhe lá de fóra os gemidos, não fossem lá de fóra adivinhar-lhe todo o inferno da sua vergonha!

Um filho! Como ella o saberia amar, como ella saberia ser-lhe mãe, se o pudesse mostrar a toda a gente, orgulhosa de o ter, orgulhosa de lhe poder chamar seu... e d'elle! Fóra esse o seu doirado sonho d'outros tempos, de quando ella era ainda pura e se sentia amante, de quando ella era ainda pura e se suppunha amada... O seu sonho! um filho que fosse como que a benção de Deus sobre o seu lar, retrato vivo do pae e vivo retrato d'ella, tendo do pae a expressão energica no rosto e no corpo a desempenada elegancia e d'ella tendo a scismadora meiguice nos olhos e nos labios o sorriso ingenuo e bom... Esse filho, o seu sonho, como ella o amaria, Jesus! como ella o adoraria!...

E afinal ahi se lhe agitava no ventre esse filho que sonhara e que, sonhado, tanto e de ha tanto amava já: e, ironia da fatalidade! em vez dos santos enthusiasmos das mães, em vez dos inefaveis devaneios, dos preparativos enternecidos e da deliciosa expectativa — o que ella experimentava, ao sentir-lhe a vida palpitar-lhe nas entranhas, era aquillo, aquelle desespero, aquella raiva, aquelle odio! sim, aquelle odio! porque era odio, um odio criminoso mas invencivel, que aquelle maldito fructo dos seus malditos amores lhe inspirava a ella — a desgraçada que ia ser mãe sem ser casada, que ia ter um filho sem ter um esposo! Odiava-o, sim! não poderia nunca vir a amal-o; não poderia nunca deixar de o odiar. O odio ao pae recahia sobre o filho. Não era justo?... mas, victima de tamanha injustiça, não tinha ella direito de ser injusta tambem por sua vez?!... Não era razoavel?... mas como é

que vinham exigir d'ella que reflectisse e raciocinasse friamente, se ella sentia a sua pobre cabeça toda uma braza viva e não atremava com uma ideia, uma rapida ideia fugitiva, que por um instante só lhe vertesse um pouco de refrigerio sobre aquelle incendio?!... Não era justo; não era rasoavel... Mas então não era esse filho o fructo do crime do pae? se herdava d'ella a infamia da sua culpa, por que não havia d'herdar tambem d'elle a culpa da sua infamia?!... Oh! se elle lhe não nascera! se elle lhe viesse morto!...

Mas a creança nascera; o filho viera-lhe vivo: magrinho e fraco, é verdade; mas vivo, mas resistente, o desgraçado! E ao tocar agora n'esse corpinho molle e enrugado, n'essas miseraveis carnhas quasi amorphas, ella sentia correr-lhe todo o corpo um estremeção de nojo e exacerbar-se-lhe mais ainda aquelle insuifocavel odio, aquelle odio inconfessavel, que a fazia levar as mãos ao ventre, ainda antes de elle lhe nascer, n'uma gana irreprimivel de o amarfanhar, de o anniquillar, de o reduzir ao nada que fôra, ao nada que deixara de ser para desgraça sua e d'ella!

E, emquanto o pobre pequenino ser egoista lhe sugava avido os seios turgidos, a pobre mãe pensava:

—E se ella o matasse?!... Fôra um bem para elle afinal! Que vinha elle ser cá no mundo? um desgraçado, um paria, um anonymo. Não lhe valeria mais morrer? não lhe valeria mais desaparecer da vida antes d'ella o envolver na sua engrenagem de dores; retirar da terra antes d'ella o atolar no lodaçal das suas miserias? Ah! se os seus peitos, em vez de segregarem leite, esburmassem veneno que lhe paras-se o coração, lhe gelasse as veias, lhe cerrasse os olhos, lhe inteiriçasse os membros, o matasse, o matasse d'uma vez e num momento, indo-se como viera, indifferentemente, inconscientemente,—como o espectro d'um sonho mau que nos deixa, ao despertarmos, o desafogo de o sabermos um sonho só e nada mais!...

E apertava as mãos na cabeça, desesperada de se sentir presa áquella ideia criminosa, áquelle pensamento nefando e

abominavel — se ella o matasse! . . . — e, como a tentar justificar-se, procurava descobrir no rostosinho vermelhusco e inexpressivo do pequenino innocente pareenças com *elle*, com o outro, com o monstro que era pae d'aquelle filho, com o pae d'aquelle filho que naturalmente viria a ser um monstro, como o pae. . .

E no ensimismirramento d'aquelle loucura, na loucura calada e terrivel d'aquelle desespero terrivel e calado, foram-se-lhe os dias passando uns após outros, eguaes todos elles no acumen da mesma agonia, escuros como as noites que se lhes seguiam e mais do que essas escuras noites, insupportaveis, porque a acordavam do somno pesado, como d'embriaguez, em que aquellas lhe voavam não sentidas.

Foi assim que um dia a accordou da rua uma agitação fóra do costume: gente fallando alto, a correr muito açodada; rapazio em grande grita; foguetes estoirando no ar de quando em quando; e, de espaço a espaço, badaladas de sino; perdidas, descompassadas, com se algum lhe repuxasse freneticamente a corda, morto por fazel-o dobrar n'uma alleluia.

Teve um grande sobresalto doloroso e por muito tempo se ficou com os olhos fitos na janella, muito abertos, cheios d'uma grande surpresa receosa. . .

E fez-se de repente muito branca, mais branca do que os lenções da cama, os queixos a tremem-lhe febrilmente, os dentes uns contra os outros a chocarem-se-lhe com uma violencia terrivel, como numa sessão muito forte.

Poz-se d'um salto fóra da cama e, cambaleante, aos tropeções, dirigiu-se á janella, agarrando-se aos moveis para não cahir.

Lá ao fundo da rua seguia um grupo de raparigas todas arrebicadas e, mais atraz, dois homens com braços de foguetes. . .

Deu-lhe um baque no coração! . .

— Se seria . . . Era! não podia deixar de ser!

E, galvanisada de repente, deitou os olhos pelo quarto e vestiu atabalhoadamente o primeiro fato que se lhe deparou. . .

O barulho cessara; reinava agora o mais profundo socego.

Deixou-se cahir numa velha cadeira de braços junto da cama, quebrada de forças, numa vertigem: andava-lhe tudo á roda, zumbiam-lhe os ouvidos, zumbia-lhe a cabeça... O sangue corria-lhe nas veias, como chumbo derretido, em ondas de fogo; o pulso batia-lhe desordenadamente; doiam-lhe as articulações; a garganta como que se lhe fechava num estrangulamento e no coração, no seu pobre coração dolorido, as pulsações eram tão rapidas, tão violentas, que toda a arcada do peito lhe tremia numa repercussão assustadora.

Limpou o suor que a cobria; afastou da testa os cabellos empastados; ergueu-se; deu alguns passos pelo quarto agitada, frenetica, desvairada...

—Oh! ia morrer... sentia-se morrer!...

N'isto, rompeu a musica a distancia e girandolas de foguetes estoiraram por entre alarido de vozes e de risadas...

Um veio de sangue cobriu-lhe os olhos...

—Era então certo! miseravel!...

E numa volta allucinada pelo quarto, cahiram-lhe os olhos sobre o filho, que, adormecido num somno profundo, tinha a pequenina cabeça calva meio escondida nas almofadas da cama...

Rompeu-lhe dos labios um grito dilacerante: d'um salto deitou-lhe as mãos, apertou desatinadamente a creança contra o peito e doida, os olhos injectados, os labios brancos, as mãos nervosamente dobradas em garra, foi apertando, apertando, até que a pobre creança se lhe inteiriçou nos braços sem um gemido, quasi sem ter acordado...

Minutos depois, quando o cortejo desfilava da igreja pelo caminho mais largo da aldeia, á frente os noivos de braço dado, num grande esmero de *toilettes*, um sorriso discreto nos labios, nos olhos d'ambos uma chamma de alegria triumphante — a pobre mãe allucinada, os cabellos desgrenhados a darem-lhe uns ares de furia ao martyrisado rosto rechupado, desembocava d'um atalho numa correria doida e arremessan-

do, soberbamente tragica, 'aos pés do infame que a desgraçara, o filho morto, gritava-lhe numa voz d'espavorir:

—Ahi o tens! matei-o! ahi o tens!

*
* *
*

Dias depois, expirava a D. Maria no hospital para onde a tinham levado da cadeia, desenganados pelo medico de que a morte era fatal. . .

A essa hora, os noivos no Bom-Jesus, para onde tinham retirado a fugir do escandalo, saboreavam a lua-de-mel, já talvez esquecidos do tremendo abalo d'aquelle momento inolvidavel. . .

Dizia-se que de lá seguiriam para Lisboa, onde o Brasileiro lhes pusera casa. E era este afinal o unico que se sentia vagamente apoquentado por tudo aquillo, murmurando ao relembrar o caso:

—Mas, *qui raio di missada*, aquella scena!

BEATRIZ PINHEIRO



OS TRES CAVALLEIROS



Onde é que irãõ os cavalleiros
 Na noite negra, a galopar?...
 São tres... são tres aventureiros
 De porte extranho, singular.

Sem terem medo á escuridão,
 Qual mais á frente ha-de passar,
 Elles lá vão... Onde é que irãõ,
 A galopar, a galopar?...

A noite é negra, sem estrellas,
 Nem meias sombras de luar;
 Os sinos dobram nas capellas;
 O vento ulula, ulula o mar.

Uivam os cães nos povoados
 Uns uivos longos, de arripiar;
 Piam corujas nos telhados
 Velhas desgraças a agoirar.

O ar salgado os labios queima:
 Tem saibo a lagrimas, o ar:
 D'ellas talvez lhe venha a freima
 Que o faz correr e o faz bramar.

Vago clamor de penitencia
 A noite corre a supplicar ;
 E, aza de luz, vae sua essencia
 Aos pés de Deus ajoelhar.

E elles lá vão, sem medo á treva,
 Sem medo á noite, a galopar
 Elles lá vão, o vento os leva,
 Como phantasmas, a voar.

Elles lá vão . . . Vão dois á frente
 Com seus ginetes sempre a par ;
 O seu aspecto é tão diff'rente,
 Como diff'rente é seu trajar.

D'ambos o porte é quasi hieratico,
 Como d'Antiste a celebrar . . .
 Mas o olhar d'um é negro e extatico,
 E azul é inquieto do outro o olhar.

Pallido aquelle, este rosado :
 Um lembra a Aurora : outro o Luar ;
 Leva o primeiro o Alifange alçado,
 Vae o outro a Lyra a dedilhar.

Um d'elles veste um manto preto ;
 O do outro é purpura a irradiar ;
 Faz-nos lembrar : aquelle, Hamleto ;
 Este, Romeu nos faz lembrar.

Vae um calado : e pesa tanto
 Sua mudez, que é de aterrar ;
 Canta o segundo : e com seu canto
 Espalha o medo, quebra o azar.

Um d'elles pica o murzello
 Numa ancia doida de chegar...
 No seu corcel todo amarello
 O outro lá vac, sem se apressar.

Como alta noite, nos paúes,
 Do corcel d'um, ao galopar,
 Fogachos trémulos, azues,
 Brotam do chão, morrem no ar...

Enquanto as chispas que o outro arranca,
 Quando o murzello aperta o andar,
 Cobrem-no todo de luz branca,
 Vão-lhe o caminho a allumiar...

Mas onde irão os cavalleiros
 Na noite negra, a galopar?...
 São tres, são tres aventureiros
 De porte extranho, singular...

Atraz dos dois, num corcel branco,
 Vac o terceiro a acompanhar...
 Todo o caminho em doido arranco
 Al mais não faz que soluçar.

E tanto chora que o vestido,
 —Uma ampla tunica talar,
 Lhe cinge o corpo amortecido
 E vae de pranto a resumbrar.

Traz na cabeça uma grinalda
 De sempre-vivas, tumular:
 E ao peso d'ella a fronte á espalda
 Como um chorão fal-o dobrar.

Urna de essencias aromaes
 Leva na mão, vae-a a agitar :
 Nos largos dutos auguraes
 Lembra um levita ao pé do altar. .

E o seu corcel todo o caminho
 Vae-o de rosas a coalhar :
 Um roseiral branco, d'arminho,
 Que deita um cheiro d'encantar.

Assim de branco, assim coroado,
 Assim na sombra a suspirar
 Parece Orpheu angustiado
 Por sua Eurídice a bradar.

Mas onde irão os cavalleiros
 Na noite negra, a galopar ?
 São tres, são tres aventureiros
 De porte estranho, singular. . .

N'isto, o de branco lá confrange
 O seu ginete e o faz parar ;
 E diz assim para o do Alfange
 E manto preto a fluctuar :

—Para que vaes com tanta pressa,
 Que me não deixas descansar ?
 Lento ou ligeiro, alguém mereça
 Teu frio beijo, ir-lh'o-ás lá dar.

E o que de purpura se veste,
 Que vae no escuro a faiscar,
 Diz-lhe tambem com voz celeste,
 O seu ginete a soffrear :

—Mais devagar : por um instante
Deixa-me ao menos respirar !
Se alguém te espera lá adeante,
Que é que elle perde em esperar ?

E o cavalleiro não diz nada :
Elle lá vae sem se voltar . . .
E aquella estranha cavalgada
Ouve-se ao longe a tropear.

Onde é que irão os cavalleiros
Na noite negra, a galopar ?
São tres, são tres aventureiros
De porte estranho, singular . . .

*
* * *

A Morte, o Amor e a Saudade
—Quem os pudera separar ! . . .—
Formam os tres essa Trindade
Na noite negra a galopar . . .

BEATRIZ PINHEIRO.



Carmencita ¹

De GIUSEPPE CRAMEGNA

Tem os senhores notado já que os melhores dramas são de ordinario os que desagradam ao publico?... Ahi está o D'Annunzio: a *Cidade morta*, apesar do suberbo desempenho da Sarah, teve em Paris um successo mediocre; o tal ou qual maeterlinckismo do *Sonho d'uma manhã de Primavera* não justifica assim mesmo a pouca impressão que deixou no publico; ha tempos noticiavam os jornaes que a *Gloria* ia ser publicada com esta dedicatória: *Aos cães que a patearam em Napoles*; finalmente, a *Gioconda*, levada á scena em Palermo e em Napoles pelo Zacconi e pela Duse, parece que tambem fez fiasco, pelo que me lembra ter lido em não sei já que revista franceza. E todavia o D'Annunzio é um grande poeta e um grande romancista: e eu não sei que ao dramaturgo sejam precisos talentos que o romancista e o poeta dispensem: e o que eu sei é que essas obras, lidas, são soberbas; empolgam-nos; prolfusem todo o effeito. D'um dos seus dramas dizia Ernesto Tissot:—Raras vezes a poesia tragica foi mais sobria, mais violenta e mais magnifica...

Como explicar então o mysterio de tantos desastres successivos ahi onde os mediocres triumpham quasi brincando?

Do auctor não é: será dos actores?...

Mas a Duse e o Zacconi são hoje os mais gloriosos repre-

1) Giuseppe Maggi --- editor: Torre Annunziata (Italia): prego, liras 1,25.

sentantes da arte dramatica na Italia; e a Sarah -- a Sarah, dizem, é o sonho, é a poesia, é o ideal: é o genio, soberano e triumphante, fazendo-se perdoar todos os caprichos e todos os absurdos pelas ineifaveis voluptias d'arte que as suas palavras aladas espalham, como uma chuva d'estrellas, sobre a multidão e sobre a élite. E, se existe uma actriz talhada de molde para os dramas de D'Annunzio -- o prestigioso evocador d'almas exaltadas e anormaes--- essa actriz é forçosamente a Sarah, a mais neurasthenica das tragicas, por quem Ernesto Tissot dizia que desejava poder ver um dia mimado o martyrio d'amor de Gradeniga no *Sonho d'un Crepusculo d'outomno*...

Mas então...

Cuido que a razão achou-a aquelle doido do Hamlet:— como Polonius, o publico—essa creança grande que ainda não largou os cueiros—do que precisa é de dansas; de dansas e de rondas licenciosas: senão... adormece.

E d'ahi a decadencia manifesta do nosso theatro: pela subserviencia e mercantilismo dos auctores que, fazendo da arte um officio, onde deviam derramar o oiro da alma só buscam recolher a alma do oiro; pela maleabilidade e inconsciencia dos actores que, fazendo-se escravos onde deviam ser senhores, transigem, a troco de facéis applausos, com o mau gosto do publico; e ainda, se isto não basta, pelas mesquinhas e ridiculas decorações das nossas *casas d'espectaculo* que, longe de ajudarem o poeta na grande obra d'illusão que elle se propõe, lhe amesquinham e deturpam o sonho — albatroz que adormeceu no regaço das estrellas para acordar engaiolado entre as quatro peças de lona d'um scenario remendado e grotesco!

Ah! um theatro d'Arte!... *Um theatro d'Arte que fosse a esplendida iconostase da Idéia eterna, a fulgida ara da Belleza heroica, a egreja trigemina da Verdade, do Bello, do Grande, onde ao rito augusto do pensamento se ajuntasse o culto da alma e a epopeia do genio!*

As palavras são do sr. Giuseppe Cramegna no *Autopos-*

tumus da Carmencita: o sonho — o sonho d'um Theatro d'Arte que seja a *mais elevada expressão da Esthetica, realisando, como tal, o ideal que se sente e, como tal, idealisando o real que se vê* — esse sonho é do sr. Giuseppe Cramegna e é de todos quantos — bem poucos! — como aquelle doido sublime do Principe d'Elsenor, entendem que um drama deve ser o *espelho do mundo*, isto é, da humanidade em ponto grande e não uma simples photographia da sociedade presente, photographia que, por muito parecida, nos dá a ideia d'um jogo de titeres numa barraca de feira; mais nada.

A reforma, a grande, a imprescindivel reforma que Wagner tentou e em parte realisou no Drama Musical — por que não ha-de tentar-se, porque não ha-de realizar-se, em parte ao menos tambem, no Poema Dramatico?...

Para isso trabalha o sr. Giuseppe Cramegna; e honra lhe seja que o faz com todo o alinco: assim é que as ideias do *Autoposthumus* acabo eu de vel-as por elle de novo expandidas e reforçadas num largo artigo *Ars Dramatica*, publicado no jornal artistico independente *Scaramuccia* de Florencia.

Fosse o seu drama um trabalho insignificante, que, assim mesmo, já a pertinacia e o enthusiasmo do doutrinario reclamariam toda a minha indulgencia para o artista; que eu sou dos que pensam, como Eduardo Schuré, que o homem vale ainda mais pelo que ousa do que pelo que realisa... Mas não: a *Carmencita* não é de modo algum um trabalho insignificante; longe d'isso: é um bello estudo de duas almas invulgares, defrontando-se num conflicto de aspirações supremas, que attrahe e prende e subjug a attenção do leitor desde a primeira á ultima scena, dando-lhe uma deliciosa hora d'illusão triumphante e transcendente.

*

* *

— «Uma mulher que na arte procura a essencia da vida e no theatro vê o triumpho do seu idealismo esthetico; um homem que na independencia sexual busca a sua perfeição ideal,

a integridade do idioteismo, mas que, illaqueado na inversão primeva da sua natureza humana, é constrangido a ceder ao amor a essencia da vida»: assim nas ultimas linhas do *Autoposthumus* caracteriza o sr. Giuseppe Cramegna — os dois protogonistas da *Carmencita* — Margarida Lovelorn e Nathaniel Kitt.

E para ser maior o contraste, para mais illigrante ser o antagonismo do *individuo* com o *meio*, é na America, na Filadelfia e em New-York, lá onde o Oiro é a ideia fixa, a paixão suprema, o Molok em cujas entranhas todos os cerebros se queimam e todos os corações se sacrificam, é lá que estes dois typos se defrontam, se perseguem, se digladiam, até que ambos conseguem fazer triumphar a sua propria personalidade: este pela morte; pela arte, aquella.

O caracter de Margarida começa a revelar-se logo á primeira scena, no dialogo d'ella com Carlota, a preceptora franceza: original e masculino, quanto o d'esta é frivolo e femininamente refalsado.

O amor?... não tem para ella encantos: — não instrue; destroe: diz a proposito da *Dama das Camélias*, essa *escrofula romantica*, como ella, num grande desdem pelo theatro francez que é a apologia da depravação — a classifica. N'isto chega-lhe uma carta do irmão, Edgardo, que o pae expulsara por ter casado com uma actriz. — Quebrara a casa Richardson-Bill: perdera toda a sua fortuna. . .

Como valer-lhe? E á mãe, Natalia, que, sobrevindo, prompe em lagrimas: — Nada de lagrimas: são inuteis... se falasseis a meu pae! . . .

Mas o pae, homem de principios austeros, intransigente no seu horror pelo casamento do filho com uma actriz, com uma mulher que elle fôra buscar ao meio d'essa *gente licenciosa vendida ao riso e ao pranto, nesses antros d'insidias onde é degradação a belleza, profissão o escandalo, paradoxo a innocencia*, — nada o move: permanece inexoravel. Fica porém, elle proprio estarecido ao saber da quebra que lançara o filho na miseria . . . — *Olhae que a sua vida está compromet-*

tida. Pae, a desventura é sagrada. E o velho, abatido por essa catastrophe, que era a sua ruina tambem, deixa-se vencer afinal: vae mandar-lhe algum dinheiro. . .

Oh! mas — *será um socorro, não um reconciliação.* . .

Nathaniel Kitt chega: vem pedir Margarida em casamento: é com a mãe que primeiro se explica, com a mãe que vê nelle o amigo do seu filho (não bastará isto a acarear-lhe todas as sympathias? . . .) Depois com Ricardo que vê n'elle o filho do seu amigo (que mais fôra preciso?! . . .) Era preciso o accordo d'ella, de Margarida; que o pae, com todos os seus rigorismos, não lhe imporá de forma alguma a sua vontade.

E segue uma bella scena entre os dois—preludios do duello—elle hesitante, ella, segura; elle apaixonado, ella fria; e, quando elle afinal se lhe abre todo na confissão do seu amor que é para elle tudo, ella, primeiro ironica, offendida depois, acaba por vibrar-lhe o golpe de misericordia — *Que eu vos não torne mais a ver!* . . . e Juliano, o seu amigo, que chega, encontrando-o ainda a mastigar toda a amargura d'aquellas palavras, começa por chasquear da sua fraqueza — elle, o mystico intellectual, o philosopho superior a todas as paixões, o cenobita dos Massachusetts, o poeta do *La vita e la morte*, o Juvenal das inexpiaveis maldições contra a Mulher, elle! — e o olhar d'uma mulher o prostra! o renegado! E, compadecido afinal, quando por Claudia Cleveland, prima de Juliano, sabem das criticas circumstancias em que vão encontrar-se os *Love-lorns*, aponta-lhe uma esperanza ainda n'aquella ruina que lhe offerecerá a elle ensejo de mostrar-se generoso, o anjo-salvador a quem nada se poderá recusar. . .

E Kitt, exaltado, exclama: — *Oh! e eu obterei aquella mulher, tipasse eu para obtel-a de ir ao cabo do mundo, ao termo da vida!*

*
* * *

Em boa verdade que me aprazia deveras continuar fazendo, como do primeiro, um resumo dos outros episodios do drama: e digo propositadamente *episodios*, á mingua d'outro

termo mais proprio, porque do de *actos* se não serviu, se não quiz servir o auctor. Assim tambem a *Carmencita* não será propriamente um *drama*: pode muito bem ser, porem, um romance dialogado, que me parece, entretanto, que, representado, deverá provocar o mesmo, se não maior, interesse que lido. E, por mim, direi que o li d'uma assentada e o reli depois mais d'uma vez, e sempre com muito prazer.

Mas levava-me longe a exposição do entrecho pela forma porque o comeei: e, assim mesmo, não conseguiria mais do que dar aos leitores da *Ave-Azul* uma ideia muito vaga do que a obra seja. E' o que vou tentar ainda, mas de maneira mais succinta.

Ricardo Lovelorn está arruinado. E, como uma desgraça nunca vem só, o ciuime de Claudia que ama Kitt e a inveja de Carlota que é despedida conspiram-se para o ferir tambem no seu coração de pae, resolvendo communicar-lhe que a filha é amante de Kitt. Este, no seguimento da sua ideia, vem propor-lhe um emprestimo que lhe dê chanças de refazer a sua fortuna. Mas sacrificar a filha não lh'o consentem os seus principios e os seus sentimentos. Não: recorrerá a outros meios. Quaes?... uma sociedade? um monopolio? uma industria? negocios... A filha vem encontra-lo a braços com tão descontraçados pensamentos e tão desvairados projectos. E o caracter energico de Margarida accentua-se, de forma a tornar-se razoavel aos nossos olhos a resolução que seguidamente toma: — *Sus! não enterreis a cabeça nos hombros! se nos resta uma derradeira carta, joguemol-a. Os Lovelorn foram sempre fortes e altivos. Não nos percam is em gemidos e em palavras. Ah! mas não fiquis ali como um condemnado após a sentença. Então?!... Mas os nossos olhos estão rasos de lagrimas... — De alegria, minha filha: são de alegria estas lagrimas. Volta-me a fé. Tendes mais energia do que eu...*

E, enquanto elle se recolhe ao seu escriptorio a pensar num plano de salvação, resolve ella aproveitar, para resgate da honra do pae, os estudos que fizera da litteratura dramatica: — fazer-se actriz: e parte levando consigo a relação dos

credores. E o segundo episodio termina com a chegada de Kitt exactamente no momento em que Ricardo, dando pela fuga da filha e lendo a carta anonyma, desmaia, convencido de que este lh'a tinha sedusido e roubado.

Os tres ultimos episodios passam-se em Nov'York:—Margarida apresenta-se ao Banqueiro Arlington, amigo do pae, que, ao saber do seu projecto, lhe faz sentir todos os perigos da carreira escolhida, tirante o enormissimo desgosto que ia dar ao pae.—*Tendes uma inimiga em vós mesma, uma inimiga fatal na carreira que quereis seguir, e essa inimiga é a vossa belleza. . . E depois vosso pae tem horror ao theatro. . .* Mas, vendo-a persistir inabalavel, offerece-lhe a sua protecção de amigo desinteressado (que outros sentimentos lhe não soffrem os seus cabellos grisalhos, diz) e, como chegue David Larry, director do *Lyceum*, cuja visita esperava, apresentalh'a sob o nome de Ruiz Carmencita; este, surpreso primeiro com a sua belleza, depois enthusiasmado pelas provas que ella dá do seu superior talento, escriptura-a afinal, depois de muito regatear, pelo preço que ella, de prompto e logo á primeira, exigira: sessenta mil dollares, o montante das dividas do pae, que ella encarrega Arlington de saldar.

E o empresario sae convencido de que *com aquelles cabellos revolucionará o mundo*; enquanto Margarida, calculando os perigos d'uma derrota, conta vencer o publico *com a energia do seu enthusiasmo*.

E vence-o. O quarto episodio passa-se nos aposentos que Margarida occupa em casa de Arlington. E' no dia seguinte á noite da sua estreia e do seu triumpho. Elegantes, banqueiros, millionarios, jornalistas, esperam a vez de serem recebidos pela *Estrella*, a quem desejam apresentar as suas homenagens. Entra o creado com um monte de cartões, flores, coroas, joias . . . Tres delegados do Club-Dramatico declamam banalidades ensossas e rançosos madrigaes aos pés de Margarida, que os deixa afinal, clamando cheia de nausea e de indignação:—*Que formiguziro de insectos venenosos estes theatros!* E Nathaniel apresenta-se, resolvido a reconduzil-a a casa e a

recebel-a por esposa, se bem que suppondo-a já amante, *teuda e manteuda*, do banqueiro.—*Acabou-se. Outro a teve primiro; tel-a-ej depois. Danfo-lhe o meu nome, rehabilita-a-ei... A honra, a final de contas é um preconceito... Elle proprio reconhece o seu rebaixamento: — Sinto que o fero orgulho da minha independencia se emblece d'hora a hora, que involuntariamente descerei até perder, até renegar o respeito de mim pro rio... Si to isso; sei isso; mas o que eu não sei, o que eu não posso é renunciar a esta mulher, a não ser que quizera renunciar á propria vida!...* E, quando Margarida, que vae a sahir para o theatro, apparece, são então todas as juras, todos os protestos, todas as supplicas: tudo baldado.—*O amor nen sempre é o objectivo unico d'uma mulher: acima do amor, ha um affecto mais puro, um scopo mais honroso, um ideal mais elevado: diz-lhe esta. E, quando, esgotados todos os meios persuasivos, aquelle prorompe em recriminações e insultos:—Rua! causaes-me horror! rua! E elle sae bramando para Arlington que chegara:—Não tenho ainda milhões para disputar-vol-a... e para Margarida:—Mas volta-rei com vosso pae.*

E volta: e o pae, na mesma occasião. E' no *Lyceum*: a cast á cunha. Representa-se o *Othello*. Ricardo chega: vem reclamar a filha. Mas Larry, o empresario, que vê nella uma mina a explorar, é inflexivel: ameaças, supplicas, lagrimas, a nada se dobra:—*Tenho direitos incontestaveis sobre ella... —Anteriores e incontestabilissimos, os meus... —Não se pode rescindir um contracto... —Contracto infame!* brada o pae. Mas, extenuado, abatido, dementado:—*Oh! deixae-me Margarida... Piedade! —Depois; depois... Impossivel fallar-lhe agora. Vae comegar o spectaculo... Depois...*

E, enquanto Larry e Juliano o levam para o gabinete da Direcção e Arlington sae a prevenir Margarida da chegada do pae, surge Nathaniel Kitt, os olhos desvairados, irregulares os passos, o fato em desordem, tragicamente pallido. Com a morte nas veias, a alma, livre já dos delyrios concupiscentes, a vestir-se-lhe de novo da sua immaterialidade, vem á busca

d'um beijo que lhe seja viatico na sua passagem para as translucidas margens do Alem... E Magdalena, em trages de Desdemona, o seio seminú, nós os braços, os longos cabellos soltos, apparece clamando:— *Meu pae! onde está?...*

E é a scena final; a grande scena que, mesmo lida, faz correr pela espinha um calefrio de enthusiasmo. — *Morro por nós* (a orchestra na salla executa uma symphonia) *Sacrificio a minha vida... Quero sentir-vos o corpo a palpitarem encontro ao meu sem vida... Um sopro ligeiro d'esses labios e em seguida... o silencio eternissimo. Um beijo só! um beijo só!* E morre, agarrando-lhe agonicamente os cabellos, mergulhando a bocca examine nas madeixas d'esses adorados cabellos e apertando-a nos braços doidamente no estertor do derradeiro alento.

*

* * *

Tal o entrecho da *Carmencita*, que, como do exposto os nossos leitores poderão avaliar, é condusido de forma a provocar o maximo interesse, devendo, quando posto em scena prender forçosamente as attensões d'um publico illustrado e grangear para o seu auctor enthusasticos applausos. E' possivel que, para ser representada, precise a *Carmencita* de soffrer uma ou outra modificação e que certas partes do dialogo, se os actores não forem de primeira ordem, se tornem um tanto ou quanto fastidiosas, por muito extensas, sobretudo para uma plateia habituada a cabecear com somno, desde que em scena não haja gritos e punhaes e grandes gestos e phrases campanudas e todas as mais *ficelles*, já ridiculas á força de muito batidas, dos velhos dramalhões que fizeram chorar nossas avós e ainda hoje, por um milagre de atavismo talvez, arrancam piedosas lagrimas dos olhos romanticos das nossas romanescas contemporaneas; é possivel. O sr. G. Cramigna escreveu no seu *Autoposthumus*:

«Ma il poeta che nelle forma drammatica vede l'immedia-

«ta expressão da vida e la pura irradiação del pensiero,
«saprà egualmente rendere duratura la sua opera.

«Egli scriverá pel teatro, ma non pel teatro.

«Kalidasa, Bhavabhouti, Sofocle, Eschilo, Shakespeare,
«Marlowe, Calderon, Goethe, non per virtu istrionica sopra-
«vivono ai secoli.

«Non altrimenti sarà pei miti del pensiero contemporaneo
«che ad assai compassionevole figura scendono, mutilati dappri-
«ma, espositi poi alle mistificazioni della ribalta.

«Il gabinetto da studio é il teatro di questi e quelli, é in-
«terprete il lettore, é scenario la propria fantasia, é publico
«la riputazione universale.

Vê-se que seguiu á risca o seu programma: essa a sua
justificação.

De resto, e aproveito o ensejo de affirma'lo, porque tenho
nisso o maior prazer, a litteratura italiana, á hora actual, es-
tá passando por uma phase de renascimento deveras surpre-
hendente—renascimento a todos os respeito merecedor de
que sobre elle recaiam as attentões de toda a Europa. Poe-
tas, romancistas e dramaturgos, cheios de talento e de enthu-
siasmo, deitam-se ao trabalho com alma, como se diz lá pa-
ra os meus sitios: e as obras saem-lhes por isso exuberantes
de vida, radiosas de originalidade, e, simultaneamente, inge-
nuas e honestas, como se nellas palpitasse o coração e ardes-
se o cerebro d'um povo adolescente. Bastava a persuadir-nos
de tal essa alluvião extraordinaria de revistas d'arte, onde os
velhos apparecem de mãos dadas com os rapazes, cantando
em côro o mesmo sonho, em côro celebrando o mesmo ideal.

Do sr. G. Cramogna não sabemos se é velho ou moço: a
Carmencita é a primeira obra que d'elle lemos e cremos
que a primeira que d'elle apparece no genero dramatico; mas
o que sabemos é que trabalha com superior talento e muita
consciencia para que esse renascimento, que apontamos nas
Lettras Italianas, não falseie as esperanças que faz conceber a
quantos o observam.

E' por isso que de todo o coração lhe enviamos as nossas

saudações e o felicitamos pelo seu ultimo trabalho que ficará na nossa estante entre os volumes que mais e melhor nos impressionaram.

A edição da *Carmencita* é um encanto : illustrada com primorosos desenhos dos eximios artistas Carolus Duran, J. Cheret, E. Bayard e Tr. Dulores : muito suggestiva sobretudo a pagina que representa Ricardo Lovelorn, quando já sabe da sua ruina: e deliciosa a que representa Margarida em casa do banqueiro Arlington : em summa, é uma edição que honra bem a casa editora do sr. Giuseppe Maggi a quem agradecemos o exemplar com que nos brindou.

CARLOS DE LEMOS



Um artigo de Anthero de Quental

Pouco depois de publicado o 6.º fascículo da *Aze-Azul*, recebi eu de Alberto Pinheiro uma carta, pedindo-me licença para escrever um artigo em resposta à *Chronica* d'esse fascículo, onde, fallando da *Festa Antheriana* no *Instituto*, extranhara que para ella tivessem convidado o sr. dr. Theophilo Braga, por ter sido *um amigo e um leal companheiro de Anthero*, para lhes ir lá dizer a *ultima palavra* acerca do genial Poeta dos *Sonetos*. Não me surpreendeu o requinte de delicadiza, que está elle nos habitos do amigo; e do prompto offereci as paginas da *Aze-Azul* para o seu artigo. Infelizmente, a falta de saude e a fadiga dos trabalhos escolares (porque só trabalhando muito e que se pode alcançar a primeira classificação num curso numerozo de rapazes intelligentes e est udiózos) impediram-no de, até hoje pelo menos, escrever o projectado artigo: ficou-me porem, o receio de que as razões então apresentadas, que aos meus olhos me pareciam concludentes, o não fossem afinal; e, como, devido à intervenção d'um amigo, tivesse obtido um documento peremptorio, a elle destino as paginas que na *Aze-Azul* guardava, neste fascículo, para o artigo de Alberto Pinheiro. Esse documento é um artigo de Anthero de Quental publicado em 1872 nos n.ºs 168 e 169 do *Primeiro de Janeiro* e reproduzido em folheto, em 1896, «para interesse de bibliophilos antherianistas» (em tiragem de oito exemplares apenas) pelo sr. Candido Nazareth, typographo na Imprensa da Universidade, que, por vezes talvez á custa de ignorados sacrificios, tem salvo do infallivel desapparecimento ou esquecimento muitos outros escriptos, como este, preciosos a todos os respeitoz. Agradecendo ao obscuro mas intelligente operario a permissão pedida para a rediçõ do seu folheto, a *Aze-Azul* rende a devida homenagem aos bens serviços por elle prestados ás Lettras Portuguezas — serviços que lhe dão jus ás maximas sympathias e benemerencias.

Uma observação ainda, se bem que em certo modo superflua :— dando publicidade ao artigo de Anthero, não me inspira nenhuma animosidade contra o sr. dr. Theophilo Braga: pelo contrario: tenho pelo infatigavel escriptor e abalizado philosopho o mais profundo respeito, como já da outra vez declarei. O meu intento é, não, mostrar o conceito que d'elle formo, mas sim, unica e simplesmente, tornar conhecido dos iniciadores do *sarau-antheriano* o conceito que d'elle formava Anthero de Quental em 1872. Isto assente, segue o artigo.

C. DE L.

Duas palavras a proposito do folheto do sr. Theophilo Braga, mas não em resposta ao sr. Theophilo Braga nem ao seu folheto.

Como foi n'este jornal que publiquei o escripto *Considerações sobre a philosophia da Historia Litteraria Portugueza*, que provocou da parte do sr. T. Braga uma pretendida resposta, que não é mais do que uma miseria intellectual e moral, julgo que será aqui tambem o logar mais proprio para dizer o que se me offerece a tal respeito.

N'aquelle escripto fallei do sr. T. Braga com a consideração que me merecia um trabalhador que eu reputava ter intenções serias: tratando dos seus livros, distingui o que me parecia bom do que me parecia mau, sem faltar uma unica vez ao respeito devido ao auctor, já como homem, já como escriptor, e discuti as suas theorias conforme soube, com toda a liberdade, sim, mas com uma cortesia que certamente se approxima mais do favor ou da simpathia do que da intenção de denegrir. Considerei-o como o iniciador, entre nós, dos estudos de historia litteraria, feita conforme a moderna sciencia. Admirei a sua coragem e seriedade como trabalhador, apontando-o n'isto como exemplo á geração nova.

Disse que, se o lado philosophico era o lado inferior e fragil do seu talento como dos seus livros, em compensação as suas faculdades criticas e analyticas tinham a robustez bastante para darem fructos sasonados, e alguns até excellentes. Combati o seu systema geral de historia litteraria portugueza, com razões que entendo serem scientificas e que são, em todo o caso, razões. Oppuz as minhas ideias ás suas, lealmente, serenamente, como n'uma discussão entre amigos — e se ja não o eramos então, eu nem por isso desestimava o sr. T. Braga, porque, se me offendera dolorosamente, não descera todavia no meu conceito. Fallar publicamente da sua Historia, e com quanta justiça eu pudesse, era um dever que me eu imposera desde o dia em que a obra começou a ser publica-

da, e que depois do rompimento que se dera entre mim e o sr. Braga, julguei mais impreterível do que nunca.

Escrevi, pois. Entendo que fui justo: bons juizes assim o reconheceram; independentemente do juizo d'elles, dizia-me o senso intimo que podia ter peccado por falta de sciencia, mas não por falta de consciencia. Toda a gente imparcial viu n'aquelle escripto (o que era realmente) um elogio moderado mas leal ao escriptor T. Braga.

Não era para agradecer, visto que era devido. Mas certamente não era para o elogiado se julgar offendido. Isso não. Ninguem, no caso do sr. T. Braga, se daria por offendido; pelo contrario. Deu-se elle. Porque? Talvez nem elle mesmo o saiba. Respondeu com umas aleivosias indignas de si e de mim e do publico, e até do papel e dos typos, que tambem devem ser respeitadas. Falla tanto em seriedade e moralidade o sr. Braga! São bellas as palavras: mas porque hão de ser só palavras, no seu escripto?

Desejava (e esperei-o, até) que o sr. Braga respondesse com ideias e razões ao que eu com razões e ideias lhe argumentava. Era o natural: era, além d'isso, o decente, depois de rompidas as nossas antigas relações. Era até um bonito exemplo a dar, este de dois homens, que não são amigos, que discordam em opiniões, e que as discutem galhardamente, sem que a paixão perturbe um instante o entendimento, como dois puros espiritos. Pois não era um bonito exemplo, n'esta terra e n'esta litteratura onde o phrenesi das paixões grandes ou pequenas nos perturba a todos (incluo-me), tantas vezes a razão?

O sr. T. Braga achou que era mais formoso descer ao raso das insinuações maldosas e calumniosas, e desceu, com effeito, muito abaixo de quanto cá n'esta terra e em questões d'estas se tem descido, depois das saturnaes de gallegada de José Agostinho de Macedo. E' por isso que não posso nem devo responder ao sr. T. Braga, e é por isso que estas linhas se dirigem a toda a outra gente, menos ao sr. Theophilo. Não posso, porque não oppoz uma unica razão ás minhas razões.

Disse lá umas coisas que elle sabe. Mas quanto eu affirmára das relações da ethnographia com a litteratura, do genio nacional e seus elementos, da originalidade litteraria e do *mosarabismo*, tudo isso ficou de pé: o sr. Braga nada disse a esse respeito, pelo menos coisa que eu entenda. Trata, como refutação universal e summaria, de provar que eu sou *incompetente*; e *prova* isso com a minha *biographia*, *demonstrando* que quem, como eu, andou viajando pela America e não sei já que outros paizes, e que, além d'isto, é doente, nada pôde dizer nem comprehender de litteratura! Até aqui, são opiniões, ridiculas sim, mas, em summa, innocentes. Isto explica só *porque não posso* responder ao sr. Braga: porque não tenho a quê. Mas como, transpondo os limites do honesto, *explicita* a minha critica esquadrinhando as minhas intenções e calumniando-as tão vil quanto estupidamente; como ousa attribuir a divergencia das minhas ideias e das suas a estímulos que eu considero ignobeis, a inveja, o despeito, e outros que o sr. Braga mostra conhecer muito pessoalmente; como traz para tudo isto (tratando-se de raças, de litteratura e dos mosarabes!) cartas particulares, conversas, aneddotas e insultos aos meus mais queridos amigos, tudo guizado n'uma aleivosia de mulher má, velha e estúpida — é por estes motivos que eu, além de não *poder* responder ao sr. Braga, não *devo* fazel-o, porque fazia uma coisa indigna d'um homem que se respeita. O sr. T. Braga do recente folheto é um cano de esgoto moral: é nocivo á saude do meu espirito approximar-me d'elle. Não me approximo.

Disse uma vez por todas ao sr. T. Braga que questões pessoaes não se tratam no campo da imprensa, mas n'outra parte. Supponho que não me quiz então comprehender, apesar de eu ter empregado uma dura palavra: *mente!* Por isso me vejo obrigado (e custa-me isto) a repetir-lh'a aqui em publico: *o sr. T. Braga mente, como um pequinino miseravel, que mostra ser*. Estou prompto, hoje como então, a responder por estas palavras, annunciando aos amigos do sr. Braga que não me acho tão doente como Sua Senhoria quiz inculcar.

Ao publico, para quem só escrevo, devo dizer que a respeito do bello livro do sr. Oliveira Martins, *Ensaio sobre os Lusíadas*, imprimi em tempo n'este jornal uma pequena noticia (anonyma por isso que ia publicada nas locaes) em que disse que o trabalho do sr. Martins «não tinha precedentes». E claro está que os não tem, porque aquelle livro é um estudo *philosophico de historia social e moral* como os de Quinet, Michelet, Burkardt, Bunsen, etc., em que a historia litteraria é apenas um subsidio e um instrumento, e não o objecto que se estuda por si. Os livros do sr. Theophilo, pelo contrario, como os de Paulin e Gaston Paris, Schlegel, etc., fazem parte d'uma obra *critica* que estuda a *historia litteraria* pela historia litteraria em si, como o titulo indica. Em que podiam ser *precedentes* do escripto do sr. Martins? Podiam ser-lhe *subsidios*, quando muito, mas nunca *precedentes* do *genero* a que pertence o *Ensaio sobre os Lusíadas*. Note-se, além d'isto, que sobre os Lusíadas ainda o sr. T. Braga não publicou trabalho algum. Que o sr. Braga tem *intenções* de ser philosopho na sua *Historia de Litteratura*, é certo: mas, por ora, ainda se não demonstrou que *intenções* e *factos* fossem a mesma coisa. D'essas intenções platonicas é que saiu o famoso systema do mosarabismo, que é exactamente o que na obra do sr. Braga não tem valor algum. Affirmei, por tudo isto (e toda a gente de senso concordou comigo) que o livro do sr. O. Martins era, no seu genero, sem precedentes. O sr. Braga baralha tudo e tudo confunde, porque não entendê mais. Não tenho culpa d'isto. Dirão que nem elle tambem, porque é errô de intelligencia. E' certo, e não o crimino por isso. Mas tem culpa, e muita, quando para explicar o que não entende, vae *descobrir* n'um homem que sempre lhe mostrara affeição, intenções perfidas, inveja e não sei que mais, envolvendo isto em insinuações, que fazem rir pelo que são de tolas, mas que nem por isso deixam de ser tão nojentas como as suas calumnias e como elle mesmo, calumniador.

N'essa mesma noticia, referindo-me ao longo estacionamento da critica entre nós, dizia que «continuara impassivel a

seguir o seu trilho de erudição fradesca, datas, nomes, etc.» Já se vê que me referia á geração dos *velhos*, nem podia imaginar que alguém tomasse aquellas palavras como allusivas á nova geração, que eu apresentava como revolucionaria, e muito menos ao sr. Braga, meu amigo e companheiro de luta, a quem eu, já na imprensa, já fallando em publico, collocara sempre no devido logar. Pois tomou elle para si essa allusão! E porque? porque não fallei no seu nome! E da parte de quem? de um homem que lhe fôra sempre leal, com quem vivera durante annos na intimidade de companheiro de casa e estudo, e cujo character conhecia franco até á imprudencia! E a esse homem, em vez de lhe pedir uma explicação amigavel, *accusa-o*, como juiz, de má fé, n'uma especie de tribunal grotesco de tres testemunhas, e com ares inquisitoriaes, collocando assim o *accusado* (!) na impossibilidade de dar a *exigida* explicação, sob pena de parecer *reú* e aceitar a competencia do *juiz* e do *tribunal*! Esse homem, apertado entre a amizade e a dignidade, sacrificou aquella a esta, como devia, e não deu a explicação exigida. *De là sa chute*, como diz Bossuet. Fui posto no index da igreja autolatrica e considerado como traidor — traidor? não, que o *crime* tinha um character religioso: *impio*. A gente sente calafrios, quando considera este abysmo da imbecilidade humana, e se lembra de que tambem assim podia ser! Tudo isto, porque? porque *não fallei* no sr. T. Braga! Não vinha a proposito, era uma simples noticia de trinta linhas, escripta á pressa e anonyma — não importa! *devia* fallar... Creio que é um caso virgem, este! No mundo do sr. Theophilo ha obrigação de fallar em Sua Senhoria, sempre que se trata de litteratura portugueza. E quer lembre, quer não lembre. Aquelle nome é soberano, não se póde varrer um instante de uma memória acostumada á veneração. Fraca memoria é signal de impiedade: «queimado e feito em pó», como diz a ordenação: *morto por ella!*... A profundidade d'este abysmo de ridiculo é tal que, por mais que, cá de cima, o sondo com a vista, ainda não pude dar-lhe bem com o fundo. O sr. Braga adora-se a si mesmo nos seus vinte volumes.

Perfeitamente. Mas querer que os outros o adorem, isso é que excede os limites de acção e liberdade que a policia concede á loucura mansa. Ou crentes ou infieis: tal é a sua divisa, como a boa da igreja catholica. Mas ao menos, a Santa madre igreja impõe isto em nome de um Deus tal ou qual. Aqui não ha Deus, mas ha o sr. Theophilo, que, com tempo, papel e tinta, ainda espera chegar lá. E' uma compensação. A autolatria, ou adoração de si mesmo, tem d'estes effeitos. Já transformou cruelmente a Nabucodonosor. O sr. Theophilo é um Nabucodonosor litterario — depois da transformação. O sr. Theophilo tem pouco geito para Deus, valha a verdade. N'aquelles tempos aureos do Egypto, em que até os escaraveijos e os patos eram deuses, vá que chegasse lá. Mas n'um seculo, como o nosso, que não crê, de uma maneira absoluta, nem em Christo, nem em Cesar, nem em Homero, nem em Napoleão, julgo que me será permittido a mim não crer absolutamente na divindade do sr. Theophilo.

Humanamente e relativamente creio. Por isso escrevi as *Considerações*, onde apesar de *impio*, lhe digo bastantes coisas agradaveis, e nenhuma desagradavel. Dei a prova, ali, dos meus *rancores* e das minhas *inveja*s! Litterariamente ainda creio no sr. Theophilo nem mais nem menos do que ha seis mezes, ha um anno, ha tres, seis, oito annos. Agora moralmente é que deixei de crer n'elle ha quatro ou cinco dias.

O meu juizo sobre esta laboriosa e suja personalidade, encerra-se em duas palavras: «O sr. Braga, *como litterato*, tem o seu valor, nunca lh'o neguei, antes o apoiei sempre: o sr. Braga, *como homem*, é apenas um villãosinho muito mesquinho; não o sabia antes; sei-o só agora; por isso só agora o digo». Sim, é muito pequenino, é muito villãosinho, para eu ter por elle a consideração moral que tenho, por exemplo, pelo meu engraxador, que, ignorante e boçal como é, é honrado e crê, quando lhe dou um vintem, que è um vintem que lhe dou e não o veneno ou polvora algodão, e quando lh'o não dou porque o não tenho, crê que o não tenho realmente, e não descobre tenções reservadas nas minhas botas, como

descobriria o sr. Theophilo, se fosse meu engraxador. Mas eu é que nem para isso o quero já hoje.

Já vêem os leitores que muito menos o posso accetar como accusador. Mas posso, querendo, dizer alguma coisa sobre as accusações, sem que isso importe reconhecer a auctoridade do accusador, pelo contrario, exactamente para mostrar que tal auctoridade lhe não assiste. Lê-se por exemplo no folheto, que tenho aprendido quanto sei nos livros do sr. Theophilo. *Quanto sei*, será talvez dizer muito, por que sei, verbi gratia, um pouco de allemão que o sr. Braga ignora, apesar de citar auctores allemães e textos n'essa lingua: sei tambem um tanto ou quanto de civilidade, que não aprendi nos seus livros, e muito menos na sua convivencia: sei de grammatica portugueza o sufficiente para conhecer que o sr. Braga, quando escreve, se esquece que lh'a ensinaram nas primeiras letras; sei que os *mos.arabes* não são uma raça germanica; sei finalmente que a dignidade é um sentimento com que a gente vive e por que vive, e não um vestido de apparato que só serve nos grandes dias em que os hierophantes do charlatanismo litterario e de outros peiores o envergam por cima dos sujos vestidos ordinarios para fazerem figura na cerimonia mystica de embaçar o seu semelhante; sei que mentir é mau; calumniar, peor; e que imprimir as calumnias. . . é... é... querer ser por gosto o que são e foram em todos os tempos, em toda a parte os T. Bragas de toda a parte e de todos os tempos. Nada d'isto me ensinou o sr. Braga, e mais tudo isto é elementar. Agora a respeito de Gil Vicente, de Sá de Miranda, do Cancioneiro de Rezende, do Theatro Portuguez, sim, senhores, aprendi alguma cousa, muitos factos novos para mim nos livros do sr. Theophilo. Nem sei porque o havia de negar (que nunca o neguei) nem sei que pudesse ser de outro modo. Lá disse um mestre «não ha pagina que não tenha a sua utilidade.» Ora, a *Historia da Litteratura*, segundo nos diz o auctor, tem 3500 paginas, e eu li essas 3500 paginas. Se nada lá tivesse aprendido, seria isso a condemnação da sua obra, porque provava não haver n'ella

cousa que aproveitasse aos outros. Não é assim: aproveita-se lendo a *Historia da Litteratura*; e eu gosto que todos saibam ser ou não meu amigo o sr. Braga (ou qualquer outro) nada influe nas minhas opiniões litterarias scientificas. Tinha que ver se o sr. Theophilo, por se tornar meu inimigo, tivesse o poder de me obrigar a mentir a mim mesmo e de negar, perante a minha consciencia, uma verdade qualquer! Nem algum d'aquelles que eu mais amo e a quem mais devo, Hegel por exemplo, ou Christo ou Proudhon, teria força para alcançar isso de mim. E sempre lhes devo um pouco mais do que ao sr. T. Braga. Este para a minha consciencia, peza tanto como um imponderavel: ame-me ou odeie-me, não dou pela differença. Quando o sr. Braga tiver sentimentos de gente honesta, então pezará para mim proporcionalmente ao valor d'esses sentimentos, e confessal-o-hei candidamente. Agora, lá plagiar as ideias do sr. Theophilo, isso não plagio, estejam descansados, por muito que elle phantasie. E isto por varias razões, entre as quaes uma simplicissima; a mesma que me impede de responder-lhe com argumentos litterarios — porque não ha no sr. Theophilo ideias que plagiar como não ha argumentos a que responder. Se eu descesse ao Limbo, apprendia muito por lá, porque reflectia muito sobre as miserias do nada. Mas se de lá voltasse, trazia só a minha reflexão e experiencia e não plagiava o Limbo, porque não podia trazer commigo, um bocodinho do nada.

Ora aqui está um tempo bem empregado, realmente; dirá o leitor. Gastar algumas horas para provar que um tolo máu é tolo e mau, não valia a pena.—E não valia. Obrigou-me a isto o sr. T. Braga, caprichando em não responder uma palavra ao Anthero do Quental, *litterato* que lhe fallara nas *Considerações*, e dirigindo-se accintosamente ao Anthero do Quental, *homem* que havia mezes, já lhe significara não querer existir para o sr. Theophilo. Pois um escriptor que declara ter tanta sciencia, e ter lido tantos livros em *tantas e tão desvariadas linguas*, como diz o Fernão Lopes, e possuir tantos methodos ignorados pelo resto dos mortaes, e ter des-

coberto tantos factos, tantos symbolos, tantos godoslites e tantas aravias arabico-germanicas... um escriptor assim de polpa não achou nada a objectar scientifica e litterariamente ás minhas pobres e magras *Considerações!* Aquellas rachiticas *Considerações* em que se não cita nem allemão, nem musica arabe, onde nem sequer apparece a sombra de um modesto visigodo! E' incomprehensivel. Mas a vaidade pequena e lorpa, quando ferida (por quem? isso é lá com ella) tem d'estas coisas, e produz uma extranha perturbação no estado mental d'aquelles que victima. Nasce d'ahi uma doença muito triste, a que eu chamarei a hydrophobia dos infinitamente pequenos e de que é um exemplo illustre, n'este momento, o sr. Theophilo. N'este estado não se tem ideias, nem argumentos, nem sentimentos: tem-se *atrabilis*—e o atrabiliario não é precisamente o modelo dos bons argumentadores. E' o caso do sr. Braga, mosarabe, auctor de 3500 paginas e atrabiliario. Pois não podiamos estar agora aqui discutindo placidamente qualquer coisa mais util, e sobretudo, mais agradavel? as raças, por exemplo a sua influencia nas litteraturas, a idade-media, os mosarabes? Tanto mais quanto era precisamente d'isso que se tratava. O sr. Theophilo não o quiz assim. Quiz antes dar a si mesmo o desgosto de o dizer ao publico. *Fiat voluntas tua.* Se eu pudesse, em caso algum d'esta vida, querer mal ao sr. Braga, penso que lhe quereria mal por isto, por me obrigar a perder tempo e a fazel-o perder aos outros com coisas d'esta natureza.

E ahi está o trabalhador *serio e moral!* Pergunta a gente a si mesmo, como é que um homem que trabalha seriamente, pôde abrigar sentimentos tão mesquinhos! Ora, como eu creio na virtude nobilitadora do trabalho, vejo-me obrigado a descrever da *seriedade* do trabalho do sr. Braga. O trabalho serio preserva a alma de rancores, de odios pequenos, de desconfianças malevolas—e a alma do sr. Braga está cheia d'essa turva bilis até trasbordar.

Os grandes trabalhadores que o sr. Braga cita a cada passo, Grimm, Muller, Michelet, Burnouf etc., foram ou são,

entre todos, humanos, puros, confiados, generosos. Cite-os menos e medite-os mais, talvez ainda possa lavar, com essas aguas lustraes, a lepra do seu espirito enfermo pelo muito odiar. Faça-se bom, que isso ha de tornal-o mais intelligente: escreva depois e terá muita gente que o applauda.

Mas ia-me esquecendo que não é com o sr. T. Braga que estou fallando. Não ha resposta possivel para coizas taes, dictadas por um tal espirito. Inepcias d'aquellas, tão sujas e tão pequenas, caem, no momento em que nascem, na lama moral que as gerou. A resposta unica é a indiferença de um absoluto desprezo pelo escripto e por quem o escreveu. E, todavia, não! não se deve desprezar absolutamente um homem. Deve-se, ao menos, ter dó d'elle, e é, com effeito, piedade o que no fundo, me inspira o sr. T. Braga. Tenho soffrido, vendo descer assim um homem a quem eu apertei durante annos a mão como a um amigo, um bom e leal amigo. Paciencia! Diz elle que o odeio. Porque hei-de eu odiar o sr. T. Braga? Estimei-o durante dez annos. Já veem que só posso agora lastimal-o.

O que é certo é que a satisfação que ha n'estas linhas, é só ao publico que a dou: e não ainda a todo o publico, mas particularmente áquelle limitado numero de pessoas que me conhecem como realmente sou, nem grande sabio nem pequeno sabio, nem grande homem nem pequeno homem, mas simplesmente um homem, como os outros com cabeça, coração e consciencia como outro homem qualquer. Não me entendo senão com aquelles que, sem se julgarem honrados, se consideram meus eguaes—isto é, com o commum dos homens, de senso e dignidade.

Não venho aqui mostrar que tambem sei *demolir* reputações, e que n'estas tristes guerras da *litteratura pessoal* tambem sou *condottiere* como qualquer outro. Tomara eu que me deixem socegado. E' o que só peço aos deuses immortaes dos varios Olymbos da Litteratura portugueza. Muita gente me julga aggressivo, enganam-se. A palavra que mais exponentanea sae do coração é a palavra do Dante: *a paz!* que é

tambem aquella do Evangelho: *beati mites*. E' o que digo pela manhã e á noite — e, se não me puchassem pela lingua, pouco mais diria. Sem ser muito christão, agradam-me infinitamente bastantes coisas do christianismo e, entre ellas estas duas: o silencio e a paz espiritual!

O que eu quero dizer é que não tem outro fim este escripto senão declarar ás pessoas que me estimam, e a quem eu estimo, que não respondo ao sr. Braga, e explicar-lhes porque não respondo. Para isso tive de motivar os *porquês*, que se reduzem a estes tres pontos: 1.º porque o sr. Braga não oppoz razões nem argumentos a nenhum dos themas da minha critica. 2.º porque o sr. Braga entendeu que devia descer ao raso dos escrevinhadores imbecis, que respondem a ideias com personalidades, e dos individuos baixos por natureza ou educação, que respondem a palavras de cortezia com brutalidades soezes. 3.º porque o sr. Braga, na maneira porque tractou essas questões pessoaes, mentindo, adulterando ou interpretando perfidamente, mostrou a vilieza sufficiente para não merecer da minha parte a menor consideração, como homem. Antes da publicação d'este folheto, tinha-me *offendido* o sr. Braga, mas não tinha *desmerecido* aos meus olhos; agora não me *offendeu*, porque o que é nullo não offende, mas *desmereceu*, porque o nullo pôde ser miseravel e é esse o seu caso agora.

Posto isto, entendo que nada mais tenho a dizer.

Aos meus amigos, conhecidos e desconhecidos, aperto cordalmente a mão, e, como só n'elles pensei começando este escripto, só nelles penso ao terminal-o.

Porto, 27 de julho de 1872.

ANTHERO DE QUENTAL.

No razoavel intuito de não voltar mais a esta questão, julgo de todo o ponto importante e, pelo menos, curioso, fazer seguir estas paginas de Anthero d'umas dezenas de periodos, respigados nas 127 paginas que o sr. dr. Th. Braga lhe consagra nas *Modernas Ideias*: d'elles se conhecerá que

o sr. dr. Th. Braga apresenta Anthero de Quental sempre como um typo secundario, subordinado, dependente, suggestionado que não inspirador, dirigido que não dirigente, desencaminhado que não orientador. Não discuto agora a justesa dos conceitos do sr. dr. Th. Braga: como a respeito do que d'este pensava Anthero, tambem agora, só a titulo de documento é que transcrevo o que de Anthero de Quental pensa o sr. dr. Th. Braga: porquanto, como já mais d'uma vez disse, o que pretendo é só mostrar a *ingenuidade* e mesmo a *inconveniencia* do convite pelos iniciadores da Festa Antheriana feito ao auctor das *Modernas Ideias*, que todos elles estoa certo de que tinham lido como eu e, como eu, quero crer, com justa indignação, na parte que se refere a Anthero. . . o a Herculano.

C. DE L.

« . . . E por essa intimidade adquiri o conhecimento da sua «vida e do meio em que se desenvolveu um talento que tocava «ora as fronteiras do genio, ora o desequilibrio, prenuncio «da loucura. Vivemos algum tempo debaixo das mesmas te- «lhas, fizemos diggressões a pé á mata do Bussaco, conver- «sando, devaneando; mas as suas determinações repentistas, e «o espirito de disciplina com que eu me fortalecia, contrasta- «vam por forma que nos achamos insensivelmente separados.

« . . . Ahi (no Collegio de S. Bento) viveu até matricular-se «no primeiro anno de direito, de 1856 para 1857; mas nesse «periodo de internato contrahiu elle o primeiro abalo nervo- «so, que viera a tomar a intensidade de uma nevrose que lhe «perturbou toda a sua vida. Fechado no Collegio durante as «ferias escolares com outros alumnos de provincias distan- «tes, entregava-se deploravelmente á perversão sexual. A «sahida do Collegio foi uma salvação para elle. Apanhando- «se com liberdade, o *novato* nada estudou; andava desvairado, «ficando reprovado no fim do anno.

« . . . Anthero não apparecia em casa do tio, vivendo por «casa de um e outro amigo, á *lebre*, como se dizia no calão «academico, sempre em discussões methaphisicas *de omni res- «cibili*. A reprovação no primeiro anno juridico desmoralis- «sou-o.

« . . . Depois d'estas leituras dantescas, Anthero compoz

«uma outra pysionomia;... e não tinha paradeiro certo, dormindo pelas casas dos amigos. Era uma especie de Fausto; «junto d'esta Goethe fazia as vezes de Merck um estudante «de Penafiel, chamado Germano de Meyrelles... Era um «dos seus lados fracos, o ser influenciado pelos individuos «com quem convivia; e uma das influencias de Germano foi «esse lado pessimista, que antes da doença nervosa o deixou «em estado de não encetar uma carreira na vida, não escolher uma occupação, não definir o seu destino...

«... Na repetição do quarto anno, em 8 de dezembro «de 1862, deu-se o facto da *evacuação da Salla dos Capel-«los*... Anthero fora um dos promotores da evacuação... «Foi então, que eu lhe disse: Escreva um Manifesto ao «paiz. No dia seguinte appareceu o *Manifesto dos Estudantes da Universidade de Coimbra á opinião illustrada do «Paiz*.

«... Nesse anno de 1863 publicou o poemeto *Beatrice*... «em que se sente o influxo do *Firmamento*, de Soares de «Passos, e da *Cruz Mutilada*, de Herculano...

«... Procurava a originalidade á custa da extravagancia; «quando Pio IX se proclamou com a infallibilidade, Anthero «escreveu um pequeno opusculo sobre *A Encyclica do Pa-«pa*... Mostrava a mais completa inintelligencia do que é um «poder espiritual.

«... Para distrahir-se fez um balanço geral dos seus versos em casa de uns ilheos no largo da Trindade, e apurou «as composições que appareceram em 1865 com o titulo *Odes «Modernas*... a corrente revolucionaria (das *Odes*) foi provocada pelos *Chatiments* de Victor Hugo...

«... Anthero de Quental, depois dos dois folhetos polemicos, nunca mais pensou em theorias litterarias ou philosophicas, divagou por Paris, pela America, pelos Açores... a «só depois da affirmação da sua existencia e acção moral «(da pleiade de *Dissidentes* glorificada pelo Ramalho Ortigão «nas *Farpas*) é que Anthero de Quental em uma phantasia «autobiographia se arrogou o alto poder de iniciação das

«ideias modernas em Portugal. (No fundo da pagina, esta «nota: «Esta preocupação de iniciativas foi a causa de uns «artigos contra a *Historia da Litteratura portugueza*, feitos «por Anthero de Quental no *Primeiro do Janeiro*.») A carta «*Bom senso e bom gosto* é um declamação emphatica de um «espírito arrebatado por ideias mal definidas, que tomam «o aspecto pittoresco de entidades nominaes.

«... Ainda no mesmo anno de 1865, José Fontana ten- «do-se approximado de Anthero de Quental, imprimiu-lhe «um outro opusculo *A dignidade das Lettras e as Litteratu- «ras Officiaes*...

«... Foi por este lado (o do problema economico do pro- «letariado) que José Fontana o attrahiu ao socialismo e á or- «ganisação *internacionalista*. Já não era a litteratura que de- «via regenerar a nação portuguesa; Anthero entregou-se á «idealisação do nirvana budhico, e se era «traduzindo os ve- «lhos poetas sensualistas da Grecia e de Roma», que Casti- «lho arruinava Portugal, não era com sonetos pessimistas, «dando forma a emoções doentias, que a geração nova se «orientava.

«... Depois do duello (entre Ramalho e Anthero) que se «effectuou numa madrugada em uns campos, na estrada da «Arca de Agua, Anthero de Quental voltou a casa de Camil- «lo a despedir-se. Foi quando conheci o desequilibrio moral.

«... Teve tambem occasião (em Lisboa) de relacionar-se «com Oliveira Martins que veio substituir o influxo que sobre «Anthero exercera Germano Meyrelles, determinando espe- «cialmente a paixão pela metaphysica revolucionaria e pela «acção politica.

«... O discurso sobre as *Causas da decadencia dos Po- «vos penninsulares* (com que Anthero abriu em 27 de maio de «1871 as *Conferencias democraticas* do Casino) é um quadro «de historia, vago e incoherente, porque lhe faltava a base «essencial, a comprehensão da marcha geral da Civilisação da Europa desde o fim da Edade-media até á Revolução francesa.

«... Infelizmente, nesse anno de 1871, em que Anthero

«ia emprender o *Programma para o trabalho da geração «nova*, foi attrahido para a acção politica, por José Fontana, «o organisador do partido socialista em Portugal.

«... E' admiravel esta preocupação subjectiva de uma «missão genial (revelada por Anthero na *Autobiographia* onde «diz ter elle sido *uma especie de pequeno Lassalle...*)! Tudo «isto se resume em prestar o seu nome a um rapaz suiso, «José Fontana...

«... Anthero abandonou a acção revolucionaria... occu- «pando-se em exprimir os seus estados de espirito em alguns «Sonetos delicados, em que se foram accentuando as tenden- «cias de uma philosophia pessimista.

«... Entre as causas que tendiam a converter as manifes- «tações superiores do talento de Anthero do Quental em actos «de vesania, que o arrastavam para a corrente da fatalidade «hereditaria, as companhias dos seus exaltados admiradores «que no meio academico o seguiam como um apóstolo, e pas- «sam com as suas sentenças negativistas ou revoluciona- «rias, acabavam de desequilibrar-o, desde que elle se sentiu o «objecto de uma lenda gloriosa. A lenda pessoal embriagou «Anthero de Quental, não para o fortificar, mas enfraque- «cel-o, excitando o temperamento que uma vez afastado da «realidade ia esgotar-se na nevrose. Anthero de Quental fi- «xou a residencia no Porto. por ventura para eximir-se ás «exigencias da propaganda socialista, a que o forçava José «Fontana. No Porto tinha o seu amigo Germano, com quem «viveu por algum tempo, frequentando á noite o botequim da «Agua do Ouro, á Batalha. Germano, actuava sobre o seu «espirito como um corrosivo; adquirira na verrina jornalisti- «ca uma intemperança de palavra irresponsavel por causa da sua deformidade physica; Germano tinha duas filhas de uma «antiga amasia do seu fallecido irmão, que Anthero adoptou «quando elle morreu repentinamente em uma casa suspeita da «rua do Laranjal. Nesse periodo em que esteve no Porto, ar- «ranjamos-lhe a publicação das *Primmas romanticas*, em «que entrava o poemeto *Beatrice*. Pela construcção do cami-

«nho de ferro do Porto á Povoá de Varzim, Oliveira Martins
 «como director da linha fixou a sua residencia no Porto; foi
 «quando Anthero viveu mais intimamente com elle... A esta
 «amizade deveu Anthero o ver impressa toda a serie dos seus
 «*Sonetos*.

«... O isolamento do poeta (depois da deserção d'Ol.
 «Martins) tornava-o mais pathologicamente sensível, e pes-
 «soalmente lendario. Não trabalhava; ainda escreveu uns ar-
 «tigos philosophicos das reminiscencias do seu antigo hegelia-
 «nismo, e na sua Autobiographia allude á elaboração de um
 «systema philosophico em que andava pensando. Enquanto o
 «poeta não dava a forma abstracta ao seu pensamento philo-
 «sophico, ia burilando pittorescamente em Sonetos os elemen-
 «tos de um futuro budhismo occidental, para onde tende, se-
 «gundo acreditava, a philosophia moderna.

«... Citando (na Autobiographia) as causas por que era
 «applaudido pelos seus leitores, Anthero de Quental... jul-
 «gou-se um grande estylista portuguez... A preocupação do
 «estylo foi sempre um vicio do meio coimbrão... Anthero
 «ficou com essa prêga no espirito; mas ninguem sabia que
 «elle tinha o *dom da prosa portugueza*. Fez-se em 1884 em
 «Coimbra um Plebiscito litterario, em que se recorreu ao suf-
 «ragio dos leitores de Portugal e Brazil para acclamarem os
 «tres melhores escriptores portuguezes; nem pela maioria
 «nem pela minoria o nome de Anthero de Quental foi pro-
 «clamado.

«... Succumbindo (na noite de 11 de setembro de 1891)
 «ao seu desalento, (Anthero) refugiou-se na morte. Podia ap-
 «plicar a si a phrase com que Diderot se julgou: *je n'ai pas*
 «*donné ma mesure*.

Foram demasiadas as transcripções; mas não dirão que não são conclu-
 dentes.

Como explicar agora a leviandade d'aquelle convite, contra que conti-
 nuo protestan lo?

C. DE L.

PORTUGAL LA FORA

Os leitores conhecem decerto aquelle delicioso poema *Salomé*, publicado pelo requintado artista Eugenio de Castro, em 1896: pois acabo de ser brindado pelo sr. Antonio Padula com a versão que d'elle fez, para italiano, lingua para que já fóra tradusida pelo sr. Vittorio Pica a *Belkis* do mesmo insigne poeta.

A elegante plaqueta, separata da *Flegrea*, onde primeiramente foi publicada a versão, abre com uma *Nota illustrativa do traductor*, onde este, fallando do poeta portuguez, diz:

«Il de Castro è un giovane poeta riformatore, che, varcando con generoso ardimento gli angusti limiti della nazionalità, ha saputo provare con la sola forza delle sue concezioni originali, alle quali ha impresso un carattere cosmopolita, che il Portogallo poteva sull'arte sua attirare l'attenzione degli altri popoli. Como egli sia riuscito nell'intento, lo prova la rinomanza che in breve tempo si è acquistata, non ancora trentenne, nella pleiade luminosa degli scrittori della odierna letteratura universale.

E realmente, Eugenio de Castro é sem duvida alguma um poeta de reputação europea, com as melhores das suas obras largamente vulgarisadas, fóra de Portugal, por esmeradas traducções, entre as quaes honrosamente figura a da *Salomé* pelo sr. Antonio Padula.

E' em prosa; mas, exactamente por ser em prosa, é um primor de justesa e de fidelidade; e, porque em prosa elegante e harmoniosa, estas paginas cantam-nos ao ouvido, rythmadas e cadentes, como se de versos foram. Traducções assim portanto, são um verdadeiro regalo para os artistas e homens de gosto dos dois paizes e para as respectivas litteraturas uma preciosissima aquisição.

De resto, o sr. Antonio Padula, que é infatigavel, tem pa-

ra muito breve as traducções de *O Rei Galaor* do mesmo poeta da *Salomé*, e da *Ondina do Lago* do sr. Theophilo Braga; e em preparação ainda: *Theophilo Braga e a sua Visão dos tempos* (critica e versões) e *Catharina d'Athayde*, do sr. Conde de Monsarás, precedida d'um trabalho critico e seguida de notas historicas.

Do sr. Conde de Monsaraz tracta o sr. Antonio Padula n'um artigo justamente elogioso que, sob o titulo de *Il Musset portoghese*, acabo de ver publicado na *Scaramucia* de Florença, a que já tive occasião de alludir. De lá nos permitimos a transcripção d'esta meia duzia de linhas:

«Il suo poema *Caterina d'Athayde*, la gentile e leggiadra «inspiratrice di Camoens, é un vero capolavoro, non solo per «la forma elettissima ma pel movimento drammatico. La vita «tanto avventurosa dell' immortale poeta dei *Lusiadi* é ritra- «ta mirabilmente, e la lettura di quelle pagine ispirate vi «desta null' animo um senso di profonda commozione.

O artigo fecha com a versão de tres poemetos do sr. Conde de Monsaraz: *Tristesa mortal! Culto interno* e *Rosita*.

Ao sr. Antonio Padula os nossos agradecimentos.

*
* *
*

Mas, se a traducção italiana da *Salomé* é em prosa, aqui tenho eu tradusido para verso francez por mr. Marc Legrand aquelle espirituoso e encantador poemeto que no volume *Salomé e outros poemas* veio publicado com o titulo — *Pan*.

Dando, excepcionalmente, aos leitores da *Ave-Azul* o original e a traducção, para do confronto melhor resaltar a belleza d'esta e d'aquelle, aos dois nobres poetas, nossos colaboradores, significamos o subido conceito em que os temos e a nossa gratidão pelas suas finezas.

P A N

.....

Stá encostado o Nume a uma faia caída,
 Tem no dorso uma pel' de lynce, ensanguentada;
 N'uma das mãos apoia a fronte entristecida
 E co'a outra segura a flauta enamorada.

—«Tontos!» exclama o deus, vendo o confuso bando,
 «Embora achasse aqui este macio leito;
 «Onde, ao pé do açafraão, viceja o smylax brando,
 «Não consegui dormir, tal bulla tendes feito.
 «Silencio!... vou dormir até que venha a Aurora,
 «E vós dormi também... vêde, já rompe o luar...
 «Mas... que tristes que estaes!... Ah! comprehendo agora,
 «Nenhum de vós logrou uma nympha alcançar...
 «Perdestes a razão? Se é isso o que vos pésa
 «Bem mais ingenuos sois que o mais rasteiro ser;
 «Se, da Ventura á luz, vos envolve a tristeza;
 «Certamente ríreis se a Dor vos envolver.
 «Tanta tristeza... só porque vistes fugir
 «As nymphas líriaes... tristeza de creança!
 «—É doce o desejar e amargo o possuir,
 «Feliç o que deseja e infeliç o que alcança!
 «Julgaes que brinco? Cumi:

«Hontem, da tarde ao fim,
 «Despertando, avistei n'um lago, ao pé de mim,
 «Syringe, elysia flor, das nymphas a mais bella;
 «Seus cabellos sem par tinham fogos d'estrella,
 «É em sua fina pelle (ha nev) que incendeia!)
 «Corriam gelos do Ida e o leite de Amalthea...
 «De subito, porem, viu-me a nympha, e medrosa,
 «Mantelando a nudez co'a juba luminosa,

«Fugiu!

«Doido d'amor, começo a perseguil-a,
 «Corro, chamo, suplico, o meu olhar fuçilla,
 «E a Zeus pedindo em vão os pés alados de Hermes,
 «F'rindo-me nos cardaes, pisando as flor's inermes,
 «Levado pelo amor, que a resistencia avira,
 «Voo, qual dardo, atraç da nymph'a bella e esquiva.

«Longo tempo corri sem poder alcançel-a!
 «Por fim, todo em suor, ex-nime, sem fala,
 «Ia já a parar, choroso, quando n'isto,
 «Sempre, sempre a correr, entre uns cedros a avisto.
 «Com dobrado vigor persisto na carreira,
 «E de Syringe, em fim vencida p'la canceira,
 «Cada vez, cada vez me vou chegando mais...
 «Sinto azas nos meus pés, furo p'los carvalhaes,
 «Voo, doido d'amor, até que, finalmente,
 «A alcanço... mas então a nymph'a loira e albente,
 «Mal minha bocca chega á sua, de coral,
 «Transforma-se, ai de mim! em verde camavial!
 «Desesp'rado, cortei do camavial a canna
 «Com que, dorido, fiz esta frauta serrana
 «Onde choro Syringe...

«Amigos, eis a historia

«Que deveis gravar, bem fundo, na memoria,
 «Que deveis usar, como segura adarga,
 «Contra as frechas hostis da decepção amarga...
 «Quando virdeis passar as nymphas, tomaz tento:
 «Amordaçae o amor, o javali cruento,
 «Apun' alae sem dó os lascivos des:jos,
 «Vo:sas boccas mordei quando pedirem beijos!
 «Meus conselhos fixae para vos defenderdes:
 «Seguir nymphas... p'ra quê? Que loucura! eu que o diga...
 «Se não as alcançaes, é inutil a fadiga,
 «Se acaso as alcançaes, tornam-se em camas verdes...»

N'isto, perpassa ao longe, entre os choupos prateados,
 Uma nympha a fugir, como cadente estrella...
 E, ao vel-a, Pan, deixando os satyros pasmados,
 Ergue-se louco, e parte... a correr atraz d'ella...

L'AMOUR ANTIQUE

PAN ET SYRINX

Le dieu Pan s'est assis sur un hêtre gisant,
 A son dos est la peau d'un lyx encore en sang.
 Il rêve, et d'une main soutient son front morose,
 Et la flûte d'amour en l'autre main repose.
 Il voit les Ægipans.

«Étourdis! s'écrie-t-il,
 Sur ce lit parfumé de roses aux pistils
 De safran, je dormais; votre bruyante joie
 M'a réveillé! Cessez, jusqu'à ce que rougeois
 L'aurore, et dormez, vous aussi. La lune éblôt,
 Voyez... Mais pourquoi cet air triste et ces sanglots?
 Je devine: une Nymphé a trompé votre attente?
 Ingéans! Si c'est là la peine qui vous hante,
 Oui, nul n'est plus que vous ingéau! Vous pleurez,
 Heureux, et, malheureux, sans doute vous rirez!
 La Nymphé au teint de lys vous a fui? Belle affaire!
 Mais le désir est doux, la jouissance amère.
 Bien heureux qui convoite, et qui tient, malheureux!
 Écoutez, vous verrez si mes discours sont creux.

«Hier, au soir tombant, en rouvrant la paupière,
 Je vois à mon côté Syrinx, fleur de lumière,
 Dont nulle nymphé n'est l'égale. Ses cheveux
 Brillèrent comme une étoile et sa chair, neige en feu,
 Semblait être l'Ida sous sa glace argentée
 Où semblait ruisseiler du lait pur d'Amalthée.
 Soudain elle me voit, elle tremble, et, voilant

Avec sa chevelure ardente son corps blanc,
 S'enfuit. Moi, je bondis, affolé, derrière elle,
 Je cours, je prie et crie et demande les ailes
 D'Hérès, me déchirant aux chardons sur le sol,
 Foulant les fleurs,—ainsi va la flèche en son vol—
 Tant cette résistance innocente m'irrite!
 Bien longtemps je courus. Elle courait plus vite.
 Suant, hagard et sans parole et sans espoir,
 Je faiblissais, quand, sous un bois, je pus la voir
 Toujours, toujours fuyant. Plus ardent, sur sa trace
 Je m'éance, j'approche, elle cède, elle est lasse.
 Sous les chênes (mes pieds sont ailés maintenant)
 Je me rue et la touche et déjà, frissonnant,
 Je l'étreins... mais alors la beauté blonde et blanche
 Sur qui tous mes baisers vont fondre en avalanche,
 S'évanouit, changée en touffe de roseaux !

«A ces roseaux j'ai pris ces rustiques pipeaux
 Sur lesquels je la pleure! — Ægipans, c'est l'histoire
 Qu'il vous faut à jamais garder en la mémoire,
 Pour que son souvenir vous soit un bouclier
 Contre les traits du dieu qui parcourt ces halliers.
 Gardez-vous, gardez-vous des Nymphes ! Devant elles
 Muselez votre amour, cette bête cruelle,
 Tuez votre luxure, et, pour vous apaiser,
 Mordez la lèvre qui réclame des baisers !
 Les Nymphes ! A quoi bon, les suivre ? c'est démence.
 Usez bien des conseils de mon expérience :
 La beauté vous échappe et vous fatigue en vain,
 Ou ce sont des roseaux que l'on saisit enfin !... »

Il parlait, quand passa sous le pâle feuillage
 Des peupliers l'éclair d'une Nymphé sauvage.
 Aussitôt, écartant les Sylvains devant lui,
 Voilà Pan qui se lève, et s'élançe... et la suit !

MARC-LEGRAND.

REGISTO BIBLIOGRAPHICO

Reflexos.—Poesias de Ramos Coelho, socio da Arcadia de Roma, socio honorario do Gabinete Portuguez de Leitura do Maranhão e socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa, do Instituto de Coimbra e da Real Academia de Succa; tradusido para hespanhol pelo sr. J. Bénoliel, para castelhano pelo sr. J. Lumarque de Novoa, para francez pelo sr. A. Millien, para provençal pelo conde F. de Baroneelli — Javon, para allemão pelo sr. W. Storck, para suecco pelo sr. G. Bjorkman, para italiano pelo sr. P. Peragallo; e elle proprio, finalmente, illustre traductor da *Jerusalem* de Tasso... Propositadamente puz em seguida ao seu nome todos os titulos honorificos com que largamente se aboanam os seus justos creditos litterarios: não que me deixe eu levar d'um, infelizmente, hoje muito commum snobismo que faz embasbacar muita gente á vista de palmas, collares e crachás e só dá valor ao que tem cotação lá fóra; que em summa, d'essas honras, como de todas as honras vãs, penso com o poeta que

Melhor é merecel as sem as ter,

Que possuil-as sem as merecer...

bem que para o meu caso quem as possui as bem mereceu innegavelmente: mas por snobismo não foi que o fiz, repito: fil-o, porque quiz collocar ao fim de tantos titulos e honras um outro titulo e uma outra honra, muito mais glorioso aquelle, esta muito mais alta, que aos meus olhos fazem avultar em singular destaque a figura do sr. Ramos-Coelho e me obrigam a curvar-me respeitadamente em homenagem ao seu nome: é que o sr. Ramos-Coelho, o excellente poeta dos *Lampejos*, dos *Cambiantes*, e dos *Reflexos*, cuja offerta tenho hoje que agradecer a S. Ex.^a, foi um discipulo de Garrett, que o distinguiu com a sua amisade e com os seus preciosos conselhos lhe orientou e fortaleceu os primeiros passos, então, como era natural, hesitantes. Este titulo, sim, que sobre-

leva a todos os mais, a todos pondo-lhe seguríssimo fundamento.

Assim pois, quando sobre a banca me pousaram os *Reflexos*, já eu de ha muito me habituara a estimal-o e a veneral-o mesmo como discipulo querido, que fôra, do prestigioso Mestre a quem todos nós, que ora começamos, rendemos, do sancto enthusiasmo da nossa mocidade, o preito que elle por certo mais ambicionara — o de muito amor, que não exclue a muita admiração, antes d'ella toma origem.

Demais, se não conhecia a traducção da *Jerusalem*, nem lera o primeiro dos tres volumes — *Lampejos* — publicados em 1896, tinha na minha estante as *Cambiantes*, publicados em 1897 e da sua leitura sahira mais que comprovado o alto conceito em que assim que lhe soube o nome, o tive.

Talento que desabrochou sob as salutaes influções d'esse glorioso Thaumaturgo da Arte Portugueza — o do sr. Ramos-Coelho de ha muito chegou ao apogeu da sua plena floração: é agora a estação dos fructos: e bem sasonados fructos são esses tres volumes, onde o illustre poeta colligiu, muitos d'elles depois de retocados, os poemas que da alma lhe brotaram, inspirados pelas vicissitudes da sua existencia — momentos fugaces de ventura; dias pesados de amarguras; horas agridozes de saudades...

Que hei-de eu pois, dizer dos *Reflexos*, que não esteia já no animo de todos? — Arte sã; poesia verdadeira; lingua-gem castiça; este livro, como o anterior que eu tenho aqui ao lado, é uma lição, e preciosa lição, a todos nós que mais ou menos nos temos deixado deslumbrar pelos ouuropeis d'uma arte doentia, pelas suggestões d'uma refalsada poesia e pelas bizarrices d'uma linguagem barbara.

Fazendo votos para que tal lição a todos aproveite, ao sr. Ramos-Coelho apresento a lidima homenagem do meu respeito e do coração lhe agradeço a offerta de tão precioso volume.

—E aqui está agora um *novo* que muito tem aproveitado da lição dos *velhos*: é o sr. Alberto Madureira que em 1886

se estreou com as *Ave-Marias*, versos prefaciados por Alberto Pinheiro; em 1897 publicou a *Jornada da Índia*; e agora me fez o favor, que do coração muito agradeço, de brindar-me com um exemplar das suas *Horas Perdidas*, versos também, e estes prefaciados pelo *nervoso mestre* que se chama João Penha. E, antes de mais, permitta-me o illustre humorista que, no desespero de quem vae já galgando para o outro lado da montanha da vida, eu proteste contra aquella sua ideia, brilhantemente explanada em meia dúzia de paginas de radiosissima prosa, de que a Poesia é só — ai de mim! — apanagio da mocidade e que á velhice resta-lhe apenas a Arte como supremo recurso. Não: com toda a vehemencia dos meus trinta annos feitos aqui lavro o meu solemnissimo protesto: — a Poesia não é só apanagio da mocidade; é-o de toda a vida: isto, porque a poesia é já de si uma mocidade: melhor: é um mixto d'infancia e de adolescencia — d'esta o enthusiasmo e a ingenuidade d'aquella — que nos faz viver acordados num sonho até que a Morte nos adormeça na realidade do Alem... *Cu est jeune, tant qu'on rêve* o poeta não envelhece nunca: o verdadeiro elixir de Brown-Séguard é o Sonho: e a Poesia é a flor do sonho convertida em fructo...

Quero confirmar-me neste credo — para não encanecer já de puro desespero!

Mas passo ao livro; que em summa, se eu precisasse de fortalecer de provas o meu protesto, o proprio auctor da *Viagem por terra* era um argumentõ vivo de que s. ex.^a não fez senãõ desenvolver mais um dos seus muitos paradoxos...

O sr. Alberto Madureira, depois de nas *Ave-Marias* nos ter confiado as tristezas e os cuidados de amar — *res est solliciti plena timoris amor*: disse nas *Heroides* aquelle poeta dos *Amores* que se chamou Ovidio — vem agora nas *Horas perdidas* ricanar-nos (perdão para o gallicismo...) todos os risos sardonicos d'uma amarga philosophia desilludida, que para mim, com perdão ainda do sr. João Penha, vale menos ou não vale tanto, como a commovida e commoverente ingenuida-

de adoravel dos seus primeiros ensaios. E' que eu estou em crer que a philosophia faz dos homem burros; e firmemente creio que a poesia até de burros faz homens: veja-se o *Burro d'Cuvo* d'Apuleo:— aquelle milagre das rosas repete-se mais frequentemente do que se imagina...

E depois, vá lá esta grandissima verdade que escapou ao *Amigo Policarpo Banana*:— nós, os portuguezes, somos sempre alegres .. quando não somos tristes. Quer dizer: para nós não ha meio termo: ou choramos desafogadamente até que os olhos se nos desfaçam em agua; ou desafogadamente rimos até que as calças nos estoirem pelas ilhargas. Ora as *Horas Perdidas* são um sol entre nuvens: não sabe a gente se ha-de levar guarda-sol se guarda-chuva...

A serio: neste ultimo livro do illustre poeta das *Avs-Marias*, onde, conforme diz o sr. João Penha, *ha composições que poderiam ser firmadas por um poeta de renome*, notam-se na verdade grandes progressos: ha, como diz ainda o seu auctorisadissimo prefaciador,— *uma mais larga variação nos elementos decorativos dos themas, mais originalidade nas revelações do pensamento, por vezes ironico, e uma mais perfeita união entre esse pensamento e a consonancia orchestral que harmoniosamente o acomanha*: ha tudo isso; mas, haja tudo isso embora, o que lá não ha, o que nessas paginas falta, o que eu lá não encontro, pelos menos, é a poesia: aqui o declaro com toda a lisura da minha alma: e todavia eu sou dos que saudam o sr. Alberto Madureira como sendo já *alguem no mundo das artes*...

Será culpa minha? será... Recebi o livro ha pouco mais de meia dusia d'horas: mas *li-o e reli-o*: e com muita vontade de o applaudir entusiastamente: o seu auctor que me accite os bons desejos:— não applaudo.

Mas, já agora, forçosó é que justifique a minha intransigencia. Abro as *Horas Perdidas*: cahem-me os olhos sobre o sonetillo *Jugema*... Bem: seja este:

Elle amava-a doidamente
 Num arroubo divinal,
 E na alcova nupcial
 Dava-lhe beijos, fremente.
 Num gôso febril, demente,
 Dizia-lhe: Oh anjo ideal,
 Virgem pura, esculptural,
 Hei-de amar-te eternamente!
 Mas, ficara inerte, absórto,
 Quando, num intimo enleio,
 E num auge do deleite,
 Vira horrorisado, morto.
 Do bico erecto do seio,
 Cahirem gottas de leite!

Pois bem: leram? — isto poderá ser arte: poesia é que de nenhuma forma é. Poesia, oh! e santa e altissima poesia! acho-a eu, vejo-a eu, admiro-a e sinto-a eu, ao recordar certo painel *ex-noto*, representando o milagre que fez Nossa Senhora a uma velha avosinha que lá estende ao netinho esfomeado o engelhado e resequido seio, fazendo-lh'o, na exaltação da fé, enturgescer e regorgitar de leite. A isso, sim, acho eu poesia e sancta e altissima poesia!

Que de resto, pelo lado do humorismo, affirmam os que sabem de physiologias femininas que o segregarem leite os seios não abona nem desabona virgindades. . . Não tinha pois, de que estarrecer o apaixonado noivo; antes tinha porventura de que rejubilar, vendo nesse estranho phenomeno a prova da exaltação de desejo com que a apaixonada noiva lhe estendia os braços. . .

Isto dizem os que sabem de physiologias femininas. . . Eu, na minha ignorancia de taes mysterios, apenas digo e affirmo que neste soneto não encontro poesia. E desculpe-me o sr. Alberto Madureira esta franquesa. . .

E concluindo: — os versos são, em geral, harmoniosos; as rimas muito bem combinadas; e o livro, apesar do que deixo dicto, vale a pena ser lido, se bem que não seja tal, qual eu

do talento do auctor o esperava. Vê-se que medita muito os bons poetas: provam-no as reminiscencias de G. Crespo, J. Penha, J. de Deus, E. de Castro, L. Osorio e d'outros, que aqui e alem se nos deparam: isto mesmo porem, o prejudica um pouco, a meu ver: e o que eu fico desejando é que o seu proximo futuro livro seja mais seu e mais de poeta.

A edição, da Livraria-Escolar-Editora dos srs. Cruz & C.^a, é primorosa.

—É ainda bem que, para contrastar, casualmente tiro agora do monte de livros que tenho em frente, um pequenino volume,—um pequenino mas encantador volumesinho, todo elle a tresbordar, assim pequenino, d'uma ingenua, d'uma quasi infantil, mas deliciosissima poesia, cuja soberana arte, como a das creanças, está exactamente em não ter arte. São os *Canti di Primavera* do illustre poeta sr. F. Italo Giuffré, que, depois de ter brindado já a redacção da *Ave-Azul* com dois exemplares dos seus primorosos sonetos a Leopardi, ainda agora, para cumulo de generosidade, me envia este purissimo favo de mel, acompanhado de dois exemplares da sua plaquetta *Scyllax et Pompiana*, de que fallarei em seguida, agradecendo-os desde já, em meu nome e no da minha co-directora. Devo-lhe todos estes obsequios; é certo; e devo-lhe ainda mais o ter transcripto na *Iride Mamertina*, cuja direcção está a seu cuidado, as poucas e desauctorizadas palavras com que no ultimo fasciculo da *Ave-Azul* lhe agradei a sua primeira offerta. Pois, apesar de, por tão obsequiado, podem, á primeira vista, parecer suspeitos, por virem d'animo agradecido, os meus calorosos elogios, não me furtarei eu a dar-lh'os: que, para justificar-me, ahí estão todas essas oitenta pequeninas paginas, a cantarem todas ellas quanto na natureza, no mundo, na vida e na alma ha digno de ser cantado e capaz d'inspirar cantos dignos.

E' Primavera, la bella stagione,
E la Natura, in suo gentil desio,
Par che mi baci con effusione
E mi susurri che la canti anch'io.

E canta as auroras d'abril; canta as fragancias de maio; canta as aves do ceo; canta a ronda dos astros; e canta o Infinito, a Sphynge, o Mar, a Floresta e o Ecco, que

Prati e laghi inva lendo in suon veloce

Sempre... rispondi alla mia voce.

E seguem depois uns desoito sonetos (dois dos quaes — *Al Etna e A Messina* — eu fui reler, ligeiramente retocados, na plaquetta *Scyllaea et Pompeiana*) uns desoito sonetos cantando o Homem e a Natureza e o Infinito, e o Sahara e o Etna e os Saltimbancos, e a sua Italia que lhe foi mãe e a sua Mãe que lhe deu tal Patria e finalmente a Poesia

Che nel sacrario del suo petto arrà

Eterno 'l culto di sua fede antica.

E todos estes seus cantos são, no fim de tudo, cantos de puro amor, apenas.

Amore, amor soltanto

M'inspira i canti, amore!

Se dal cor sale il canto

Discende ratto al core.

E' o que lhe diz o rouxinol: — o do bosque? o da alma? — Ambos.

Se até a abelha, no seu zumbido laborioso, o que a elle lhe diz, o que a elle lhe aconselha, é amor — amor ainda e sempre amor! . . .

E l'industre tua vita a l' uom consiglia

L'obbligo del lavor,

L'affetto di famiglia,

Della patria l'amor!

Mais alta — magestosa e solemnnissima — é a poesia dos vinte sonetos — *Scyllaea et Pompeiana* — recitados no *Theatro Garibaldi* de Reggio de Calabria a 20 de maio d'este anno, quando se commemorava solememente o 1.º anniversario da morte de Diogo Vitrioli, filho do illustre orador e poeta não menos illustre, como o prova a *Fata morgana*, Thomaz Vitrioli — cuja gloria maior porem, foi a de ter sido pae d'um tal filho — insigne latinista e poeta insignissimo, a quem o il-

lustre Dr. N. Franzutti saudou, no fim do seu primoroso Elogio, como ao Vergilio de Rhegio, com as palavras de Dante ao Vergilio de Mantua: *Glorate Pallissimo poeta!*

Suberbos sonetos estes, vibrantes de enthusiasmo communicativo, como só o pode ser o da verdadeira poesia; magistraes sobretudo, como poesia e como arte, os sonetos XIII-XVII, onde, como nos versos de Vitrioli, reveste aos nossos olhos, numa evocação triumphante, todo o seu pavorosissimo horror tragico aquelle derradeiro dia de Pompeia — *dies irae, dies ille* . . .

—E, pois que de poetas italianos estou fallando, aqui tenho eu mais uma pequenina plaquetta — meia duzia de paginas só! — com a versão italiana de tres poesias de Garrett — *O suspiro da alma, Olhos negros e As min'has azas* — esmeradamente feita por um artista de raça, o sr. Diego Garoglio e editorada pelo nosso amigo e distincto poeta sr. Joaquim de Araujo, a quem agradecemos a amabilissima offerta — para commemorar o faustoso casamento da insigne poetisa M.^l Lucile P. Chitiu, filha da notavel escriptora romana e illustre traductora de Dante, Madame Maria Chitiu com o Ex.^{mo} Sr. Jules Brun, em fevereiro do anno corrente.

Da 1.^a pagina, escripta pelo sr. Joaquim de Araujo, pedimos venia para transcrever as primeiras linhas, principalmente porque ellas irão fixar na memoria affectuosa de quantos amam o immortal poeta das *Folhas Cahidas* mais um nome — e d'uma senhora — credor d'oravante de todas as nossas sympathias pelo vivo enthusiasmo com que ella se associou ao Centenario Garrettiano:

— Uma adoravel coincidencia fez com que eu recebesse, «quasi a um tempo, o n.º 102 (anno V) do *Quinta Craivel*, «em que Madame Maria Chitiu commemorou eloquentemente «o Centenario de Garrett, — a noticia do casamento da distinctissima poetisa, filha daquella eminente escriptora, — e «as magnificas estrophes garrettianas de Diego Garoglio, com-«pendiadas nas paginas que seguem.

A *Ave-Azul* sente-se jubilosa por ter este ensejo de en-

viar as suas respeitossimas saudações ás duas distinctissimas escriptoras, juntamente com os seus agradecimentos ao illustre poeta sr. Diego Garoglio e ao seu editor sr. Joaquim de Araujo que nenhuma occasião perde de nos obsequiar.

—Por amabilissima indicação de Mr.. Ary René d'Yvermont, dignou-se o illustre poeta Mr. Pierre d'Amor enviarnos de Bruxellas cinco encantadoras *Canções*, acompanhadas da respectiva musica pelo mesmo, cada uma em sua folha, papel cartonado, com a capa artisticamente illustrada e impressa a côres, um mimo, precioso em todos os sentidos, que pe-nhorados agradecemos a s. ex.^a. Intitulam-se ellas *Printemps d'amour*, *Simple Chanson*, *Les Campanules*, *Triste Chanson* e *Auto da fé*.

Deliciosos versos os de todas ellas e deliciosa a musica tambem, quasi não ha meio d'estabelecer preferencias; assim mesmo. certo é que. talvez por uma questão d'idiosincrasia, que não por superioridade de factura, mais fundo nos impressionaram as tres ultimas e, sobre todas, *Les Campanules*, onde o delicadissimo poeta—porque o é, e bem da alma, quem assim sabe ler na Natureza e tradusir a alma das coisas—nos diz como as campanulas se associam á alegria das aves, ao sono das borboletas e á morte das flores...

De Mr. Pierre d'Amor apparecerão brevemente outras *Canções*, intituladas *Promesses*, *Doute*, *Simple Voeux*, *La Chanson des lévres*, *Communion*, *Lettre a mon Mi*... etc.

D'aqui cumprimos entusiasticamente o notavel cançonetista, bem digno de figurar entre os melhores, a cuja frente se acha, como principe dos cançonetistas francezes, se nos não enganamos, Mr. Xavier Frivas.

—*Romagem*, de Manoel Telles:—Versos consagrados á Senhora Sant'Anna em sua linda ermida de Oliveira do Hospital, na festa de 6 d'agosto de 1899.

E' tambem nosso, é tambem da Beira, este delicado poeta, de creditos já honrosamente firmados num encantador volume de versos com que ha annos se estreou—*Livro do coração*, onde se nos depararam deliciosas paginas, muito sentidas, de

versos esmeradamente burilados e coisas lindas, lindas, muito ingenuas e muito doces que são um verdadeiro, encanto...

Eu vivo em ti, tu em mim,
Eu sou tu e tu és eu!

.....
Se eu soffro a dor que tu soffres,
Tu não devias soffrel-a!

.....
Poder como o do amor jamais o vi!
Pois afastando-nos a sorte, assim,
Tu dizes ter-me sempre ao pé de ti,
E eu tenho te sempre ao pé de mim!

São do *Livro do coração* estas perolasinhas que eu fui encontrar marcadas a lapis, agora que a plaquetta *Em Romagem* me fez recordar as bellas impressões que o seu livro anterior me deixara, quando o li em Coimbra. E transcrevi-as, para que as leitoras da *Ave-Azul* possam desde já avaliar o que sejam esta meia duzia de paginas commoventes e commovidas que o poeta consagra á memoria de sua Madrinha *que era tambem uma santa*—uns trinta e tantos primorosos disticos, fervorosos de piedade que já vem de longe, tresbordantes de amor que já não é de agora...

E' já velho este amor que Vos offerto;
—Deu-m'o o berço que eu tive, alli tão perto...

Pois foi, talvez, a Vossa linda Ermida
A primeira que eu vi em minha vida.
E nunca mais se me furtou d'então.

De perto aos olhos, longe—ao coração...

A Manoel Telles, os nossos agradecimentos e felicitações.

—E, porque é tambem de piedade e organizado com muita circumspecção e talento ao mesmo tempo que com muito zelo e muita devoção, tem aqui todo o cabimento agradecer, e muito cordealmente, ao sr. dr. R'to e Cunha, nosso presadissimo collega do *Boletim Diocesano* e muito digno secretario particular de Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Venerando Prelado d'esta diocese, em meu nome e no da minha co-directora, o exem-

plar do seu *Directorio Selecto de Oração e Doutrina*, com que se dignou brindar-nos — favor que a ambos nos deixou profundamente penhorados.

Parece-nos poder afirmar que livros de devoção os ha de sobrejo: o que talvez faltasse era um livro de devoção organizado com o preciso senso e criterio: pois da rapida inspecção a que procedemos, folheando o *Directorio Selecto*, somos levados a declarar, se bem que o nosso juizo, por falta de competencia na materia, nada valha, que julgamos perfeitamente preenchida tal lacuna, se por ventura existia. O *Directorio Selecto* é na verdade, como o seu coordenador diz na *Prefação*—«para os que oram, um *devoionario*; para os que estudam e aprendem, um *instructor*; e para os que ensinam, um *programma*.»

E, pois que a nossa opinião é desauthorisadissima, abonamola com os peremptorios juizos de S. S. Ex.^{as} Rev.^{mas} os srs. Bispos de Vizeu, de Coimbra, de Bragança, de Lamego, de Portalegre e de Beja e Arcebispos de Damietta, (Nuncio Apostolico de Sua Santidade em Lisboa) e de Evora—que, todos elles com palavras de muito buvor, o approvaram e aconselham aos seus respectivos diocesanos.

—Para terminar, e, por falta d espaço, só duas palavras: —ao illustre poeta sr. Joaquim Pinto de Sousa Macario, os nossos agradecimentos corlealissimos pela offerta que se dignou fazer-nos, dos seus dois poemas *Portugal* (poema historico) e *Portugal* (poema chorographico e historico), em cujas paginas a sua nobilissima alma de velho portuguez e militar briossissimo se espelha radiosa de talento e de patriotismo.

Aconselhar pois, a sua acquisição e leitura é uma superfluidade.

CARTEIRA DA AVE-AZUL

A Morte da Avesinha:—Tem sido entusiasticamente elogiado pelos mais considerados órgãos da Imprensa portugueza este formosissimo poemeto do nosso bom amigo e presado collaborador, o illustre poeta José Agostinho d'Oliveira, publicado na *Salla de visitas* do fasciculo anterior da *Ave-Azul*.—Ainda ha poucos dias na *Aurora do Cavado* o sr. dr. Rodrigo Velloso dizia a seu respeito o seguinte que pedimos venia para transcrever, agradecidos:

«No ultimo numero da *Ave-Azul*, o magnifico mensario litterario de Vi-zeu, sabiram uns esplendidos versos firmados pelo sr. J. Agostinho d'Oliveira, subordinados á epigraphie *A Morte da Avesinha*, offerecidos ao Ruy, gentil creancinha, filho dos srs. Carlos de Lemos e D. Beatriz Pinheiro, os conspicuos directores do dito mensario.

«Li-os a primeira vez por curiosidade, o que me succede sempre que vejo nome para mim desconhecido, ou quasi, firmando versos ou prosa em alguma de nossas primeiras revistas litterarias, mas essa curiosidade a cada estrophe que ia volvendo se foi transformando em vivo interesse, e logo em captivante enleio de que me não desprendi, nem mesmo quando chegado ao seu final, que fazendo-o, logo voltei a relel-os, e com não menos e antes com mais e maior enleamento do que o fizera da primeira vez.

«E' que em verdade são formosos esses versos, como formosos são os do soneto que os precede offer-cido tambem ao pequenino Ruy, e com todas as veras os palmeo e app'aulo, como documento incontestavel e irrecusavel do advento ao nosso mundo litterario de um novo e notavel poeta, para quem fadados presagio os mais radiantes e maiores triunfos.

«A ideia que a elles presidia e os gerou, levantada e altissima, veste-a magnificamente a forma apropriada e harmoniosa, sempre opulenta e variada.

«Ao mesmo tempo porém, que app'aulo o precioso trabalho do sr. J. Agostinho d'Oliveira o mesmo faço á resolução tomada pelos illustrados directores da *Ave Azul* de fazerem editar em separata de 50 exemplares numerados, todos fóra do mercado, *A Morte da Avesinha*, pois de todo o ponto merecedora d'isso, e com todas as veras agradeço o exemplar d'ella com que me brindado.»

O notavel escriptor napolitano sr. Antonio Padilla encarrega-nos de agradecer ao seu auctor o exemplar recebido e communica nos que, terminados os trabalhos que traz agora entre mãos, fará a sua traducção para italiano, testemunhando por esta forma o subido apreço que aquellas encantadoras estrophes lhe mereceram.

E' com o maior prazer que nos associamos — agora que já não podemos ser taxados de suspeitos — a esses applausos e com os nossos agradecimentos lhe enviamos tambem as nossas cordealissimas felicitações.

E a proposito: — A *morte da Avesinha* é a primeira parte d'uma trilogia que J. Agostinho d'Oliveira intitula *O Lar do poeta*: das outras duas partes — *Sonho da Torrente* e *Resurreição* — já nós temos, por finesa do poeta, os autographos em nosso poder; e dal as emos aos nossos leitores nos proximos fasciculos da *Ave-Azul*, certos de que nos agradecerão o precioso mimo.

*

* *

Agradecimentos: — Enviámos-lhe á *Irile Mamertina* de Messina pela honra que nos fez de transcrever no seu ultimo n.º a meia dúzia de linhas em que fallamos dos *Sonetos a Leopardi* do seu illustre director e notavel poeta sr. F. Italo Griffé; e igualmente ao *Popular* de Lisboa por ter tambem transcripto, precedendo-o de palavras muito amaveis para nós, o artigo sob e a *Crença de Authero* do bizzarro prosador sr. Severo Portella.

E já agora, chegados quasi ao fim da 1.ª serie, não nos seja tomado a conta de immodestia ou de reclamo o affirmarmos aqui bem alto que, se a *Ave-Azul* nos tem dado muitas canceiras e impertineacias, por bem pagos nos damos d'estas e d'aquellas com os applausos e louvores recebidos de todas as terras do paiz. Escriptores como Trindade Coelho, Rodrigo Velloso, Teixeira Bastos, Luiz Trigueiros, Maria Veleza, Adolfo Portella, J. Agostinho d'Oliveira, Julio de Lemos e outros: jornaes como o *Seculo*, as *Novidades* e o *Primeiro de Janeiro*, não fallando nos jornaes d'esta cidade e nos das provincias com quem trocamos — porque de todos esses era natural a amabilidade: por mais d'uma vez se tem referido á nossa revista com palavras de muito louvor, dignando se mesmo transcrever algumas das composições n'ella publicadas.

A todos pois, os nossos agradecimentos, na certeza de que nos não deixamos desvanecer com esses applausos: são apenas estímulo para continuarmos: e pois, continuaremos.

*

* *

Brinde: — Fomos presenteados pelo sr. Eduardo da Cruz Mello, muito digno proprietario do *Bazar do Povo* na Guarda, com um lindissimo estojo de veludo, contendo um album e uma colleção de postaes com vistas de Vizeu e outras terras, e ainda com tres pratos, um dos quaes tendo a vista d'aquelle estabelecimento e os outros dois vistas d'esta cidade.

Agradecendo-lhe tanta gentileza, enviamos áquelle cavalheiro os n.ºs publicados da *Ave Azul* e continuaremos a enviar-lhe os que se forem publicando.

Na capa da nossa revista vai annuncio da sua casa: aconselhando-a aos nossos leitores estamos certos de que lhes prestamos um bom serviço.

*

* *

Este fasciculo: Tem o dobro das paginas este fasciculo: é que damos, com o d'este mez, o de setembro tambem.

O calor não deixa trabalhar: — e agora então, com a apprehensão da pasta!...